

**CENTRO UNIVERSITARIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE
CURSO DE PEDAGOGIA - FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL - PROJETO
PROFESSOR NOTA 10**

**JUSSARA DOURADO SOARES
MARIA RAIMUNDA MELO CARVALHO
TEREZA CRISTINA DUARTE DE SOUSA
VALDELENA FRANSCISCA DA SILVA**

***AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO
PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NA 4ª SÉRIE DO
ENSINO FUNDAMENTAL***

Brasília, 2005.

**JUSSARA DOURADO SOARES
MARIA RAIMUNDA MELO CARVALHO
TEREZA CRISTINA DUARTE DE SOUSA
VALDELENA FRANSCISCA DA SILVA**

***AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO
PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NA 4ª SÉRIE DO
ENSINO FUNDAMENTAL***

Trabalho apresentado ao Centro universitário de Brasília – UniCEUB como parte das exigências para conclusão do Curso de Pedagogia – Formação de Professores para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental –Projeto Professor Nota 10

Orientador: Prof^a. Maria do Carmo Nascimento Diniz

Brasília, 2005.

RESUMO

A educação passa pela integração dos conceitos essenciais para a sociabilização do ser humano tais como justiça, igualdade e solidariedade, para além de uma sólida formação ao nível do desenvolvimento da moral com a assimilação dos valores fundamentais da vida em sociedade como o respeito pelos outros, pelos seus direitos, aceitando as diferenças e assumindo as responsabilidades. Esta pesquisa objetivou investigar a interferência da afetividade no processo de ensino e aprendizagem e nas interações da relação professor – aluno no ensino fundamental. Para elaboração da pesquisa foi escolhida uma escola da rede pública do ensino fundamental situada na região administrativa de Samambaia do Distrito Federal, onde foi realizada “uma pesquisa qualitativa que teve seu ambiente natural e o sujeito como fonte direta (André, Ludke, 1986)”. Adotou-se, portanto, aspectos relevantes da afetividade na teoria de Wallon e Vygostyk na qual foi desenvolvida uma pesquisa com os seguintes instrumentos: análise documental, observação participante e entrevistas semi-estruturadas. Os sujeitos da pesquisa foram: diretora professora e aluno. O resultado da pesquisa evidenciou-se por meio das seguintes categorias: ensino e aprendizagem, relação professor-aluno e afetividade. Em relação ao ensino e aprendizagem constatou-se que a escola apresenta responsabilidades quanto às questões pedagógicas e não pedagógicas que surgem no dia-a-dia, por meio de projetos o qual tem importante significado na construção de conceitos e conhecimentos. Nesta categoria alguns professores executam os projetos propostos de forma aleatória. Na relação professor-aluno verificou-se a presença de aspectos afetivos e as possíveis influências destes no processo ensino e aprendizagem, onde se observou que a atenção da professora está centrada nos alunos que apresentam dificuldades de relacionamentos e baixo rendimento escolar, o que foi possível observar que interação a professor-aluno contribui para uma melhor aprendizagem. No que diz respeito à afetividade no contexto escolar verificou-se que o afeto do professor, a sua sensibilidade e que a maneira de se comunicar influi no modo de agir dos alunos, a ligação afetiva faz a diferença no trabalho docente. Constatou-se que nem todos os professores têm uma visão de que a afetividade pode interferir no processo ensino e aprendizagem. Verificou-se no desenvolvimento da pesquisa que a relação afetiva professor-aluno funciona como um ponto de equilíbrio para o bom desempenho de ambos, tendo o diálogo como complemento chave para a concretização do sucesso escolar. O resultado da pesquisa obteve uma relação positiva de interação, respeito pelas idéias, pelas opiniões do outro, dedicação e troca por parte dos envolvidos, elevando a aprendizagem de forma agradável e produtiva, pois o aprendizado é uma relação de afeto e carinho, que deve ser estendido à rotina da sala de aula.

Palavras chave: Ensino e Aprendizagem - Relação Professor/Aluno - Afetividade

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2 - REFERENCIAL TEÓRICO	8
2.1 - HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO	8
2.2 - APRENDIZAGEM CONHECIMENTO	12
2.3 - APRENDIZAGEM: MEDIAÇÃO.....	18
2.4 - APRENDIZAGEM CURRÍCULO	22
2.5 - AFETIVIDADE AUTO-ESTIMA.....	24
2.6 - ESCOLA: CULTURA	29
2.7 - FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	31
3 - METODOLOGIA	38
4 - ANÁLISE - DISCUSSÃO DOS DADOS	40
4.1 - RESULTADOS.....	48
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
6. REFERÊNCIAL BIBLIOGRÁFICO	58
APÊNDICES	61
Apêndice “A” Roteiro de Análise Documental.....	62
Apêndice “B” Roteiro de Observação.....	63
Apêndice “C” e “D” Entrevista sobre "a afetividade na relação professor-aluno"	64
ANEXOS	65
ANEXO A	66
ANEXO B	68

1. INTRODUÇÃO

“Ante os múltiplos desafios do futuro, a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais de paz, da liberdade e da justiça social” (Delors, 2001, p. 11), pois, a evolução histórica da humanidade e seus processos educacionais acontecem diferentemente ao longo do tempo e em vários espaços.

Ainda, segundo Delors (2001, p.103) “a educação ocupa cada vez mais espaço na vida das pessoas à medida que aumenta o papel que desempenha na dinâmica das sociedades modernas”. Portanto, espera-se que a escola seja um espaço de formação e informação, onde a aprendizagem de conteúdos deve necessariamente favorecer a inserção do aluno no dia-a-dia das questões sociais marcantes e em um universo cultural.

“O processo de ensino aprendizagem na escola deve ser construído, tomando como nível de partida o nível de desenvolvimento real da criança [...] o único bom ensino”, afirma Vygotsky é aquele que se adianta ao desenvolvimento. Isto é, “a criança não tem condições de percorrer sozinha o caminho do aprendizado” (1998 p.98).

Compreende-se que a aprendizagem acontece na interação entre os sujeitos, “(...) em Vygotsky, justamente por sua ênfase nos processos sócio-históricos, a idéia de aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo. O termo que ele utiliza em russo (obuchenie) significa algo como” processo de ensino e aprendizagem “, incluindo sempre aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre essas pessoas” (Oliveira, 1993, p.57).

“Falar que a escola deve proporcionar formação integral (intelectual, afetiva e social) às crianças é comum hoje em dia, a escola não pode esquecer que toda pratica verdadeiramente pedagógica tem por finalidade o desenvolvimento da pessoa e o fortalecimento do eu Wallon” (ed.2003, p. 85).

As emoções, para Wallon (2001.p.132) “têm papel preponderante no desenvolvimento da pessoa. É por meio delas que o aluno exterioriza seus desejos e suas vontades”. Em geral são manifestações que expressam um universo importante e perceptível, mas pouco estimulado pelos modelos tradicionais de ensino. As transformações fisiológicas de uma criança (ou, nas palavras de Wallon no seu sistema neurovegetativo) revelam traços importantes de caráter e personalidade.

Percebe-se que a afetividade é altamente orgânica, altera a respiração, os batimentos cardíacos e até o tônus muscular, possui momentos de tensão e distensão proporcionando ao ser humano a se conhecer. A emoção causa impacto no outro e tende a se propagar no meio social, a afetividade é um dos principais elementos do desenvolvimento humano.

“A afetividade, nessa perspectiva, não é apenas uma das dimensões da pessoa: ela é também uma fase do desenvolvimento a mais arcaica. O ser humano logo que saiu da vida orgânica é um ser afetivo para depois lentamente, desenvolver a vida racional Wallon” (1992 p. 90).

A afetividade, por sua vez, alcança uma concepção mais ampla, envolvendo umas gamas maiores de manifestações, englobando sentimentos (origem psicológica) e emoções (origem biológica). A afetividade corresponde a um período mais tardio na evolução da criança, quando surgem os elementos simbólicos. Segundo Wallon,(1968) “ é com o aparecimento destes que ocorre a transformação das emoções em sentimentos”.

O tema escolhido para o Projeto de TCC foi realizado via pesquisa qualitativa, e tratará do assunto: “A afetividade na relação professor/aluno e no processo ensino e aprendizagem na 4ª série do ensino fundamental”.

O problema abordado será: a afetividade interfere na relação professor/aluno, e no processo ensino e aprendizagem dos alunos da 4ª série do ensino fundamental?

Justifica-se, que do ponto de vista dos professores das séries iniciais o desenvolvimento dos alunos vem sendo prejudicado pela falta de interesse, baixa auto-estima seguido de mau comportamento.

Como afirma Wallon,“ a escola é um meio onde convivem diferentes grupos e onde a criança exercita suas potencialidades, transformando ou confirmando a imagem que trás de si” (ed. 2003, p. 58).

Muitos são os fatores que interferem no comportamento dos alunos podendo ser de ordem econômica, social, familiar ou de âmbito escolar.

Na teoria Walloniana, é importante o adulto levar em consideração todas essas necessidades a fim de fortalecer a função afetiva que será preponderante na etapa seguinte do desenvolvimento. Entretanto, estando de posse do equilíbrio afetivo, a criança poderá lidar mais adequadamente com as inquietações e questionamentos.

Sendo assim, procura-se identificar quais são as compreensões que os professores tem a respeito da afetividade e sua relação com o ensino e aprendizagem, lembrando da importância das emoções na vida do indivíduo e no seu desenvolvimento.

O objetivo geral da pesquisa será analisar como a afetividade interfere no processo de ensino e aprendizagem e nas interações na relação professor/aluno do ensino fundamental.

Os objetivos específicos serão:

- ✓ relacionar as principais dimensões do processo ensino e aprendizagem no contexto escolar;
- ✓ identificar os fatores da afetividade que auxiliam e interferem no processo de ensino e aprendizagem;
- ✓ verificar as condições e os meios que tornam os alunos sujeitos ativos no processo ensino e aprendizagem.

Espera-se com esta pesquisa investigar e discutir a possível relação que há entre a afetividade, o ensino e aprendizagem e nas interações professor-aluno.

O resultado desta pesquisa trará informações que poderão subsidiar os professores da rede pública do GDF em suas ações educativas.

2 - REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 - HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO

È bem verdade que, a educação não existe, propriamente falando, nas eras pré-históricas ou entre os povos mais primitivos que podemos conhecer. Ela é um luxo, uma conquista tardia da humanidade na sua longa história.

Segundo Cotrin (1993.p.82), na educação primitiva o objetivo fundamental era promover a integração dos mais jovens na cultura do grupo social, pois essas sociedades eram praticamente caçador-coletores. O aprendizado efetivava-se à medida que a criança, co-participando das atividades grupais, era levada a imitar os adultos. Aprendia-se por exemplo: as lendas, as danças e rituais mágico-religiosos.

No conteúdo prático dessa educação assistemática destaca-se o ensino de elementos como: a linguagem; gestos e fala, a fabricação e manejo dos instrumentos feitos de madeira e pedra lascada, as técnicas de caça e coleta de alimentos, confecção de vestuário e preparação dos alimentos. Neste contexto, a educação só aparece na história sob a forma sistemática quando o homem assegurou-se uma vida mais tranqüila e segura.

Na Antigüidade rompem as estruturas sociais da sociedade comunitária primitiva, surgem então as sociedades de classes, a propriedade privada da terra, dos rebanhos, o estado. Nesta época a função da educação passa a ser nitidamente especializada e conscientemente organizada.

O povo hebreu teve uma importância fundamental no desenvolvimento cultural e religioso dos povos habitantes da Terra nos dias de hoje. De origem ainda não totalmente conhecida, uma vez que eles não possuíam características físicas que os diferenciassem suficientemente de outros povos, fato que torna um tanto quanto difícil a análise de descendências dos hebreus.

Antes mesmo da invasão dos filisteus, os hebreus praticavam a agricultura e o comércio, além de conhecerem a escrita Manacorda (1989). Após o contado com os cananeus e filisteus ajudou a trazer novos elementos para o povo hebreu, que, com o passar do tempo, desenvolveu-se de maneira espantosa.

A educação na Grécia é considerada o berço da pedagogia e teve formas diferentes: em Esparta ela assume um papel de preparação para a guerra; em Atenas assume um papel mais intelectual, a escrita gera uma nova idade mental fixando a

palavra. Por volta do século IX, o legislador Licurgo organiza o Estado e a educação. De início os costumes não são tão rudes, e a formação militar é entremeada com a esportiva e a musical. “Com o tempo e, sobretudo no século IV a.C. quando Esparta derrota Atenas - o rigor da educação se assemelha à vida de caverna” (Aranha. 1986 p. 38).

O primeiro povo a enfrentar explicitamente o problema da natureza, as idéias, as tarefas e objetivos do processo educativo foi o povo grego.

Algumas questões enriqueceram as reflexões de vários filósofos como: O que é melhor ensinar? Como é melhor ensinar? Dessa nova mentalidade deram origem a essas dimensões tendenciosas. Segundo Libâneo,(1985), destacam-se os filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles. O primeiro no estudo da ética o segundo preconiza o idealismo e o ultimo o idealismo.

Na civilização Egípcia podemos visualizar uma característica que vai se manter constante ao longo da história: Há sempre uma relação direta entre o tipo de educação e a posição ocupada pelo indivíduo na pirâmide social.

Em Roma Antiga o primeiro educador é o “pater familiae” De acordo com Luzuriaga (1985. Vol.59), “a autonomia da educação paterna é uma lei do Estado pela qual o pai é dono e artífice de seus filhos”.

A educação no seio dessa família visa basicamente o ensino das letras, do direito, das condições para desempenhar as atividades políticas, típicas das classes dominantes.Porém, o Estado Romano impede o livre acesso do povo humilde à arte da palavra.

“Na Idade Média, a *Educação* era vista como um instrumento para se alcançar a *Sabedoria*, que conseqüentemente, levaria o homem à *Felicidade*, um bem desejado por si mesmo e mais perfeito que todos os outros bens” (Al-Farabi, 2002: 43-44).

Os estudantes eram orientados a considerar importante todo o conhecimento científico, não terem vergonha de aprender com qualquer um e não desprezarem os outros depois de terem alcançado o saber. Com o inicio da era cristã a educação estabelece-se pela pregação do cristianismo para todos os povos.

Com a chegada dos Padres Jesuítas da Companhia de Jesus ao Brasil em 1549, junto com o governador-geral Tomé de Sousa, cuja missão era a de cumprir um mandato real de conversão dos índios e dá apoio religioso aos colonos em defesa do

cristianismo no combate ao protestantismo utilizando a arma da conquista espiritual: a educação.

Cotrim (1993; 177) afirma que, " a criação de escolas religiosas foi uma das principais estratégias dos jesuítas. Educar a juventude segundo os princípios do cristianismo católico era o principal objetivo da ordem". A educação imposta pelos jesuítas era, de caráter retórico, memorístico e verbalístico. Porém, sem nenhuma preocupação com formação intelectual do povo eles foram expulsos em 1759.

Na segunda metade do século XIX Segundo Holanda, (1991) "a crise nas relações escravistas, insistiam na necessidade de se educar as camadas sociais pobres e livres, os ingênuos, os forros e libertos para o trabalho, mas aquele se firmava sob as exigências da economia cafeeira". Entretanto a preocupação maior se deu com as crianças, com os pobres e escravos, propondo-se a criação de escolas agrícolas para educá-las no trabalho disciplinado nas grandes propriedades.

A Constituição outorgada por D. Pedro I institui o principio de liberdade de ensino e a intenção de instrução primária gratuita para todos os cidadãos.'

No século XX surgiram vários movimentos, experiências e teorias educacionais destinadas a renovar os métodos da escola tradicional. Assim, a herança dos conhecimentos pedagógicos do século XIX permitiu que se chegasse no século XX a um conceito bem mais pragmático da educação.

Segundo Manacorda (1989:305) "nas escolas novas", a espontaneidade, o jogo e o trabalho são elementos educativos sempre presentes: por isso que depois foram chamadas de ativas". A nova escola e a escola ativa abarcaram várias correntes pedagógicas com métodos ativos e no trabalho de equipe como meio de formação do educando, centralizando as atividades escolares em torno do uso da imprensa na escola.

Em 1964 os militares assumem o poder com a missão de promover o desenvolvimento do país e o fortalecimento do capitalismo, e nesse novo modelo político-econômico a Educação é vista como um dos recursos para o sucesso desses objetivos.

Com os anos 70 veio o "Milagre Brasileiro" e a Reforma do Ensino (Lei 5.692/71), que tornava obrigatório o ensino básico em oito anos, além de criar os cursos profissionalizantes com equivalência de 2^o grau. Alguma coisa mudou na educação, o

ensino tornou-se mais participativo, começou-se a considerar que o processo de construção do conhecimento acontecia também do lado de fora das salas e se instituiu as pesquisas como forma de aprendizagem e avaliação. O aluno trabalhava em grupo, consultava bibliotecas, etc. O ensino ganhava um espaço e uma forma nova de se desenvolver.

“No final dos anos 70 e início dos anos 80 a abertura política decorrente do final do regime militar coincidiu com a intensa mobilização dos educadores para buscar uma educação crítica a serviço das transformações sociais econômica e política tendo em vista a superação das desigualdades existente no interior da sociedade. Firma-se no meio educacional a presença da pedagogia libertadora e da pedagogia – social dos conteúdos”. (Parâmetros Curriculares Nacionais. P. 41)

Como sabemos, a educação, como não pode deixar de ser, é um fato político, econômico, histórico e social, e a escola sempre esteve a serviço da sociedade dominante como reforço ideológico. Com a Reforma do Ensino já se vê clara a tendência que a escola tomaria.

Como afirma Libâneo (2002 p. 32) “A escola como parte integrante da sociedade, deve agir com o intuito de transformação desta mesma sociedade, e não como adaptadora do indivíduo à sociedade ou como mera reprodutora da ordem social instituída”.

Inicia-se a década de 80 com 34% da população composta de analfabetos e em fins da década de 80 o país entra na “Redemocratização”, Em 1988 ganha-se uma nova Carta Constitucional, apelidada pelo presidente da Assembléia Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, de “Constituição cidadã”.

O cenário educacional nos anos 90 é inovado por uma pedagogia única e incomparável, um poderoso auxiliar no processo ensino-aprendizagem: o computador, e sua consorte a Internet.

Marquezi (1997. P.50) afirma que “um aluno equipado com um PC multimídia e um provedor de Internet pode aprender numa única semana muito mais que em um ano inteiro de sala de aula”.

A nova LDB (Lei 9.394, de 20/12/96) é promulgada e reafirma a condição de uma educação tecnicista, visando a formação profissional em detrimento da formação humanística, um ensino voltado para um mercado mais exigente em termos de qualidade dos seus profissionais, que a escola deve preparar. Ainda se adota a

pedagogia de Saviani, agora com mais requinte. Prega-se então a Qualidade Total na Educação, tendo nos princípios e fins da Educação Nacional, artigo 3º, itens:

III - Pluralismo de idéias e concepções pedagógicas

IX - Garantia de padrão de qualidade

XI - Vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

Enfim, chegamos e adentramos num novo milênio cheio de esperanças no provir e na melhoria da qualidade do ensino no Brasil. Vemos novas tendências surgirem como redentoras da educação e escutamos cada vez mais discursos que apontam para o desenvolvimento das competências e habilidades do professor como, talvez, a única maneira de o país ter uma educação pública de qualidade, mas constatamos que, em sala de aula, ainda perdura uma pedagogia conservadora.

2.2 APRENDIZAGEM CONHECIMENTO

"Cada aluno é sujeito de seu processo de aprendizagem, enquanto o professor é o mediador na interação dos alunos com os objetos de conhecimento" (PCNs; 1998:93).

Segundo os PCNs, a construção de conhecimento é dada através da interação: professores - alunos e alunos-alunos. A visão de que o professor passa seus conhecimentos para os alunos e esses absorvem os conhecimentos do professor sem nenhuma reflexão é superada pela visão de aprendizagem que é sugerida pelos parâmetros. Ao professor cabe criar situações de aprendizagem que dinamizem a interação e, conseqüentemente, a aprendizagem, uma vez que na interação e através dela, o aluno constrói, modifica, interpreta e enriquecem significados.

"... o processo de aprendizagem compreende também a interação dos alunos entre si, essencial à socialização". (PCNs;1998:93)

Para Vygotsky (1994), a interação é também responsável pelo desenvolvimento do indivíduo. Nesse caso há uma interação constante e contínua entre os processos internos e as influências do mundo social que o indivíduo interpretará/entenderá à sua própria maneira. Desta forma, a interação na sala de aula contribuirá muito no processo de aprendizagem (...) na perspectiva de construir o conhecimento implica numa ação partilhada, já que é através dos outros que as relações entre sujeito e objeto de conhecimento são estabelecidas".

É fundamental para a educação que os processos de aprendizado movimentem os processos de desenvolvimento. A trajetória do desenvolvimento humano se dá “de fora para dentro”, por meio de internalização de processos interpsicológicos. As metas e os processos do desenvolvimento humano são sempre definidos culturalmente.

Zabala defende, (1998): "as aprendizagens dependem das características singulares de cada um dos aprendizes; às experiências que cada um viveu desde o nascimento; a forma como se aprende e o ritmo da aprendizagem variam segundo as capacidades, motivações e interesse de cada um...".

A aprendizagem é o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes e valores a partir de seu contato com a realidade, o meio ambiente e outras pessoas, construindo desta forma um universo de representações significativas e simbólicas.

"Na disposição para a aprendizagem – e na possibilidade de torná-la significativa – intervêm, junto às capacidades cognitivas, fatores vinculados às capacidades de equilíbrio pessoal, de relação interpessoal e de inserção social (Zabala: 1998)".

A relação com o outro, intermediação, tem papel fundamental no desenvolvimento de cada indivíduo. Todo conhecimento é apropriado pelo sujeito, face ao que presencia e vive no ambiente em que está inserido, "intervenção que vai criando *Zonas de Desenvolvimento Proximal* (Vygotsky, 1979)".

Conhecer é questionar, não apenas constatar, verificar e afirmar é próprio do conhecimento mais profundo.

"... integrar ao máximo os conteúdos que se queiram ensinar para incrementar sua significância... atividades relacionadas... com aqueles construídos que possam dar mais significado à aprendizagem" (Zabala: 1998).

Aprendizagem implica dimensão individual e social, condição comum no grupo e condição individual própria, acometido de problemas particulares que podem prejudicar a aprendizagem.

ser aplicável a uma série de situações. Não é necessário que seja tão "especial" que não tenha amplitude de aplicação para outras situações que não aquela onde foi primeiramente observado. "Para ser válido, um conhecimento precisa O conhecimento com estas características é obtido através de métodos científicos. É adquirido pela observação, mas esta deve ser repetida, conduzida sob condições que controlem os limites de sua generalidade e verificada. (Gagné, 1980 p:7)".

Os professores esforçam-se por apresentar os conhecimentos que querem transmitir aos seus alunos de uma forma atraente, para assim suscitar o seu interesse e captar sua atenção, conhecimento do meio social e do nível cultural permitindo planejar, com bastante precisão a transmissão da sua mensagem.

Uma primeira aproximação ao conhecimento do como se aprende nos permite chegar a pressupor que os modelos de ensino devem ser capazes de atender à diversidade dos alunos.

Segundo Zaballa: “Pressupõe-se que nossa estrutura cognitiva esta configurada por uma rede de conhecimentos que se definem como as representações que uma pessoa possui, num momento dado de sua existência, sobre algum objeto de conhecimento (1998, p: 37).”

Os fatores tornam-se mais complexos e adaptados à realidade dependendo do seu nível de desenvolvimento e dos conhecimentos que possam construir. Portanto, a aprendizagem deve ser desenvolvida como um processo de comparação, de revisão e de construção do conhecimento sobre os conteúdos escolares.

Coll cita “*Aprender a aprender*, sem duvida o objetivo mais ambicioso, mas irrenunciável, da educação escolar, equivale a ser capaz de realizar aprendizagens significativas por si só numa ampla gama de situações e circunstancias. Em outros termos aprender a aprender não pode contrapor-se à aquisição de outros conteúdos (fatos, conceitos ou valores). Quanto maior for a riqueza da estrutura cognoscitiva - quanto mais coisas são conhecidas significativamente -, tanto maior será a funcionalidade destas estratégias nas novas situações de aprendizagem (2002, p: 129)”.

O conhecimento vai significar então, a relevância do acesso a aprendizagem, sendo importante que o professor consiga que o aluno saiba pensar, porque esta habilidade representa a aprendizagem. Sendo o professor administrador da instrução, quando ele providencia para que a instrução seja entregue ao aluno, de maneira efetiva, precisa e planejada, condicionando para que haja a aprendizagem de tal forma que cada um aprenda o que se pretende que eles saibam.

Oliveira, defende segundo Vygotsky:” é o aprendizado que possibilita o despertar de processos internos do indivíduo liga o desenvolvimento da pessoa a sua relação com o ambiente sócio-cultural em que vive e a sua situação de organismo que não se desenvolve plenamente sem o suporte de outros indivíduos de sua espécie (2003,p:58)”.

Uma idéia central para a compreensão de suas concepções sobre o desenvolvimento humano como processo sócio-histórico é a idéia de *mediação*: enquanto sujeito do conhecimento o homem não tem acesso direto aos objetos, mas acesso mediado, através de recortes do real, operados pelos sistemas simbólicos de que dispõe, portanto enfatiza a construção do conhecimento como uma interação mediada por várias relações, ou seja, o conhecimento não está sendo visto como uma ação do sujeito sobre a realidade, assim como no construtivismo e sim, pela mediação

feita por outros sujeitos. O *outro social*, pode apresentar-se por meio de objetos, da organização do ambiente, do mundo cultural que rodeia o indivíduo.

Desta forma é possível afirmar que é de grande valia o papel do professor quanto a sua orientação, devendo influir, oferecendo facilidades, apoiar de modo mais envolvente possível, exigindo o melhor desempenho.

“A atitude favorável para a aprendizagem significativa faz referência a uma intencionalidade do aluno para relacionar o novo material de aprendizagem com o que já conhece, com os conhecimentos adquiridos previamente, com os significados já construídos (Coll, 2002.p: 151)”.

Toda aprendizagem, em qualquer atividade humana, em que possamos aprender algo, pode ocorrer de forma casual, espontânea ou organizada. Mesmo em se tratando de conhecimento científico, pode-se pensar que o conhecimento baseia-se em dados da realidade.

"A sala de aula tem de ser uma oficina de convivência e o professor o profissional das relações, pois ele é o modelo para o aluno e como tal será imitado em suas atividades em suas convicções, e em seu entusiasmo" (Wallon. 3ª ed. 2003.p.85).

Um professor consciente deste papel não pode entrar em uma sala de aula como se fosse um lugar qualquer, encarar os alunos como se fossem indivíduos sem passado, futuro ou presente, esquecendo que cada um é uma pessoa em potencial, com seu conhecimento, com suas aptidões e com sua história de vida única.

O relacionamento do professor deve ser um momento essencial para o desenvolvimento do aluno, devendo se retomar novas concepções de educar deixando de lado o ser detentor do poder ou depositário do saber convertendo-se em facilitador, orientador e coordenador. Segundo Wallon, "o professor não pode esquecer sua função no grupo, como coordenador é aquele que observa os processos grupais e intervém apoiando e dando ao grupo condições de achar seu caminho (3ª ed. 2003.p.80)."

Os laços criados no ambiente escolar não podem ter as mesmas possessividades das ligações familiares, porém o processo da relação direta e personalizada será de grande importância para que esse aprendizado aconteça na relação professor/aluno.

O professor deve ter a consciência de que manter um bom relacionamento com os alunos provoca a curiosidade e estimula-os às respostas que podem garantir o sucesso dessa aprendizagem.

Nas relações vividas em sala de aula costumam surgir hostilidade do aluno em relação ao professor, que pode ser por vários motivos: pessoais, afetivos, falta de êxito da criança[...] Wallon,(1982) diz que determinada conduta em relação ao professor, pode ocorrer para chamar atenção por vaidade, por sentimento de inferioridade ou pelo desejo de os cortejar.

Diante de situações problemas vivenciadas diariamente na sala de aula entre professor/aluno, o autor alerta que, se o professor tiver conhecimento do conflito “eu-outro” na construção da personalidade, receberá tais atitudes com mais calma e não como uma afronta pessoal. Portanto, refletir e avaliar as situações de dificuldades, buscando compreender seus motivos e reações, já é um meio de reduzir a atmosfera emocional. Sendo assim, identificar os fatores responsáveis pelo conflito, possibilitará o aperfeiçoamento da prática pedagógica, conduzindo o professor a compreender o aluno e seu universo sócio cultural emocional.

Dantas (1997) afirma que segundo Wallon “a escola comete erros porque desconhece as características do funcionamento da mente humana em suas fases de desenvolvimento, erra por não conhecer conteúdos culturais que possam contextualizar concretamente os alunos, e erra, ainda, por desconhecer as histórias de vida de cada um. Não que seja suficiente conhecer seu universo cultural, mas com certeza é indispensável”.

Os processos de aprendizagem [...] que ocorrem dentro do aluno podem ser influenciados por eventos externos no seu meio ambiente (Gagné, 1980.p: 86) “.

O processo de internalização é fundamental para o desenvolvimento do funcionamento psicológico humano. Ela motiva uma atividade externa que deve ser modificada para tornar-se uma atividade interna, é *interpessoal* e se torna *intrapessoal*. Assim, facilita as condições de aprendizagem, e faz com que o aluno relacione o conteúdo com o que já conhece. Na proporção em que contribui para ampliar seus conhecimentos, e ao mesmo tempo leva a uma aprendizagem que seja funcional, útil, que possa ser utilizada com facilidade para gerar novos significados. Afirmando Demo (2004,p: 56): “[...] conhecimento não se repassa, transmite, reproduz, mas se constrói”.

“O aprendizado... é o processo fundamental para a construção do ser humano e do indivíduo... sempre envolve a interferência direta ou indireta, de outros e a reconstrução pessoal da experiência e dos significados. (Oliveira,p: 79)”.

A aprendizagem é fundamental ao desenvolvimento dos processos internos na interação com outras pessoas. Ao observar a zona proximal, o educador pode orientar o aprendizado no sentido de adiantar o desenvolvimento potencial de uma criança, tornando-o real. Portanto, o ensino deve passar do grupo para o indivíduo. Em outras palavras, o ambiente influenciaria a internalização das atividades cognitivas no indivíduo, de modo que, o aprendizado gere o desenvolvimento.

A valorização dos conhecimentos adquiridos é de grande relevância na aprendizagem, tanto quanto para a construção e utilização do conhecimento, fazendo uso dos mecanismos internalizados para desenvolver-se como ser humano, sendo de grande importância a sua inserção num determinado ambiente e essencial para seu desenvolvimento.

“... a relação do indivíduo com seu ambiente sócio-cultural... não se desenvolve plenamente sem o suporte de outros indivíduos de suas espécies (Idem,p: 61)”.

Neste processo é muito importante a intervenção de um programa pedagógico, ou seja, procedimentos para um bom ensino, tornando menos distante o desenvolvimento real do potencial.

A aprendizagem dos alunos será construída mediante o processo de relação do indivíduo com seu ambiente sócio-cultural e com o suporte de outros indivíduos mais experientes. É na *zona de desenvolvimento proximal* (ZDP) que a interferência desses outros indivíduos é mais transformador. O conceito de ZDP é relativamente complexo, ele compreende a região de potencialidade para o aprendizado. No caso da criança, representa uma situação cognitiva em que ela só consegue resolver determinada tarefa psicointelectual com auxílio de alguém mais experiente.

Vygotsky (1988, p.97), "o nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente". Então, toda

situação de aprendizagem possui uma história significativa, um caminho que teve de ser percorrido em meio a articulações com o meio físico e social. Logo, para que o trabalho do facilitador seja eficaz, ele deve trabalhar dentro desta Zona Proximal de Desenvolvimento.

Há dois níveis de desenvolvimento segundo Vygotsky, o real e o potencial. O primeiro refere-se ao que o aluno consegue fazer por si próprio enquanto o segundo concretiza-se a partir da capacidade de aprender com as outras pessoas. O aluno não é tão somente o sujeito da aprendizagem, mas, aquele que aprende junto ao outro e que o seu grupo social produz, tal como: valores, linguagem e o próprio conhecimento.

2.3 – APRENDIZAGEM: MEDIAÇÃO

A prática pedagógica do professor deve ser definida num contexto próximo e real para que o aluno alcance significativamente sua aprendizagem. Esta prática deve ser transformadora da realidade direcionada para um determinado fim diante das necessidades que o aluno apresenta.

Os seres humanos como seres sociais vivem em constante interação entre eles e com o meio, no qual se constituem como pessoas. Este princípio do desenvolvimento humano foi estudado por Vygotsky, que por intermédio de suas pesquisas baseia-se numa inter-relação entre o meio social e as bases biológicas. Este considera a aprendizagem como um processo social no qual os sujeitos constroem seus conhecimentos através da sua interação com o meio e com os outros, considerando fatores internos e externos. Embora a concepção de aprendizagem em educação a considere como um processo individual, não se pode negar seu caráter social ao se desenvolver dentro de grupos como a sala de aula, que é “... um espaço social no qual as interações de todos os parceiros estão focalizadas sobre saberes de origem cultural”.

Segundo Vygotsky (1998),” essa relação é dialética no sentido que o meio afeta o indivíduo, provocando mudanças que serão refletidas novamente no meio, recomeçando o processo num processo que se assemelha a uma espiral ascendente.”

O processo de transformação da aprendizagem de um processo que inicia social e vai se tornando individual, foi chamado por Vygotsky de internalização. A internalização dos processos psicológicos superiores, segundo Vygotsky, é, “... a reconstrução interna de uma operação externa...” (1998 p.74).

Segundo os PCNs, a construção de conhecimento é dada através da interação: professores - alunos e alunos-alunos. A visão de que o professor passa seus conhecimentos para os alunos e esses absorvem os conhecimentos do professor sem nenhuma reflexão é superada pela visão de aprendizagem que é sugerida pelos parâmetros. Ao professor cabe criar situações de aprendizagem que dinamizem a interação e, conseqüentemente, a aprendizagem, uma vez que na interação e através dela, o aluno constrói, modifica, interpreta e enriquecem significados.

"... o processo de aprendizagem compreende também a interação dos alunos entre si, essencial à socialização". (PCNs;1998:93)

A mediação da aprendizagem, nessa perspectiva, põe em evidência o papel de sujeito do aluno e fortalece o seu papel ativo nas atividades que lhes permitirão aprender, bem como renova o papel do professor e permite a entrada de novos materiais nos ambientes de aprendizagem. Enquanto a mediação pedagógica, muitas vezes, é subestimada, originando atividades que se perdem, pois não são identificados os momentos de mediação e como essa deve ser efetuada.

Vygotsky (1984) refere-se à necessidade da intervenção do adulto para apoiar o aluno na realização de uma tarefa complexa que ele, por si só, seria incapaz de realizar. Este conceito indica como o adulto implementa processos de suporte que se estabelecem por meio da comunicação e que funcionam como apoio. O controle da tarefa é transferido gradualmente do professor para o aluno. Segundo tais princípios, a concepção e uso de ambientes interativos de aprendizagem deverão apresentar diferentes graus de complexidade, de forma a possibilitar a cada sujeito, em cada momento, atuações que estão nesta zona de desenvolvimento proximal, com variados recursos de apoio. Estes recursos são gradativamente retirados conforme o desenvolvimento do aluno.

Quando a criança vai à escola, ela já domina conceitos espontâneos, e a escola propõe que ela passe a dominar conceitos sistematizados. Para que isso ocorra, há a necessidade de que aconteça a articulação e a transformação recíproca. Professor e aluno têm de atuar de modo diferente no processo de aprendizagem, não cabe mais somente transmissão de conceitos.

Ao se privilegiar a interação contínua em sala, o conhecimento prévio do aluno e suas experiências, o professor estará, ao mesmo tempo, estimulando a autonomia

de seu aluno. Nos PCNs, a autonomia é definida como "capacidade a ser desenvolvida pelos alunos e como princípio didático geral, orientador das práticas pedagógicas" (PCNs;1998: 94).

Na interação professor (a)-aluno (a) parte do pressuposto de que o professor mais permissivo, mais estimulador de participação e manifestações de alunos poderia levar à aprendizagem mais eficaz.

Segundo Vygotsky (1974 1984): "interação social é origem e motor da aprendizagem e do desenvolvimento intelectual. Todas as funções no desenvolvimento do ser humano aparecem primeiro no nível social (interpessoal), depois, no nível individual (intrapessoal). A aprendizagem humana pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as pessoas penetram na vida intelectual daquelas que as cercam".

Portanto, uma atualização destas noções nos possibilita pensar o novo estilo de pedagogia, que favorece a aprendizagem coletiva (nível social ou interpessoal) e, ao mesmo tempo as aprendizagens personalizadas (nível individual ou intrapessoal).

O aluno autônomo é capaz de se posicionar frente a uma situação de aprendizagem, elaborar projetos pessoais como, por exemplo, buscar informações para superar uma dificuldade de aprendizagem e utilizá-las, bem como estabelecer e seguir metas, participar de projetos coletivos, ter uma postura crítica e analisar diferentes visões a fim de tomar conclusões ponderadas.

"A aprendizagem é fundamentalmente uma experiência social, de interação pela linguagem e pela ação (Vygotsky, 1984)".

O comportamento do professor que se coloca como facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem, que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos. É a forma de apresentar e tratar um conteúdo ou tema que ajuda o aprendiz a coletar informações, relacioná-las, organizá-las, manipulá-las, discuti-las e debatê-las com seus colegas, com o professor e com outras pessoas (interaprendizagem), até chegar a produzir um conhecimento que seja significativo para ele, conhecimento que se incorpore ao seu mundo intelectual e vivencial, e que o ajude a compreender sua realidade humana e social, e mesmo a interferir nela.

A mediação deve propiciar a aprendizagem, de tal maneira a produzir significados, compreensão, assegurar a construção do conhecimento e a possibilitar resultados de ordem cognitivos, afetivos.

Segundo os PCNs, "[...] são fundamentais as situações em que (os alunos) possam aprender a dialogar, a ouvir o outro e ajudá-lo, a pedir ajuda, aproveitar críticas, explicar um ponto de vista, coordenar ações para obter sucesso em uma tarefa conjunta, etc".(PCN; 1998:97)".

Ao permitir a interação, o professor estará dando voz e estimulando a autonomia do aluno. Mas isso não significa que é o aluno quem controla todas as ações e decisões em aula. Cabe ao professor organizar os trabalhos, determinando, por exemplo, se os trabalhos serão realizados em grupos, de forma individual ou com a participação de todos os alunos. Cabe ao professor, ainda, detectar as dificuldades de seus alunos e orientá-los no sentido de superá-las. Também, cabe ao professor analisar como um determinado assunto pode ser apresentado aos alunos, respeitando seus conhecimentos prévios e experiências.

O professor pode ouvir seus alunos nas decisões a serem tomadas pela classe, pois isso estimula a autonomia deles. Entretanto, é necessário que o professor decida o que será de maior benefício para seus alunos e dialogue com eles. Percebe-se que estimular a reflexão, a autonomia dos alunos e dar-lhes voz, estimula a formação do aluno como sujeito pensante, reflexivo e atuante em seu processo de aprendizagem, sem, no entanto, diminuir a autonomia de atuação do professor.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) defendem a formação de um cidadão participativo e autônomo. Para tanto, é importante investigar/analisar o ensino pela reflexão sobre como ensinar. Portanto, o professor é incentivado a refletir sobre sua prática visando a formação de um indivíduo capaz de agir socialmente, ser reflexivo e ser também responsável pelo seu aprendizado. Ao professor, cabe o papel de mediar o conhecimento a ser trabalhado e construído pelo aluno. Percebe-se, então, que o professor deixa de assumir um papel autoritário de detentor da palavra e dos saberes para deixar o aluno participar no seu processo de aprendizagem.

O professor remete-se para uma posição de facilitador de um processo de aprendizagem que é da iniciativa do aluno. A criatividade, a iniciativa, a liberdade individual, a ação, a descoberta são valores que presidem a todas as relações de trabalho.

"(...) na perspectiva de Vygotsky, construir conhecimento implica numa ação partilhada, já que é através dos outros que as relações entre sujeito e objeto de conhecimento são estabelecidas". (Rego, 1994:110)

O professor não deve se contentar em apostar na dinâmica espontânea dos alunos; são necessários contratos, dispositivos didáticos e estratégias de construção de sentido a fim de suscitar um interesse suficiente para estimular o aluno. Assim, cabe ao professor mediar o conhecimento a fim de contribuir para que o aluno se torne mais autônomo e "responsável pelo seu dizer" (fazer). Vale ressaltar que o aluno pode ter autonomia para atuar em determinada situação e em outra não. Desta forma, a interação com o professor e seus colegas é fundamental para a superação de problemas referências.

2.4 – APRENDIZAGEM CURRÍCULO

Os conteúdos sugeridos pelo referido currículo devem ser adaptados, de tal forma que venha facilitar a aprendizagem, de forma significativa, podendo-se relevar os conhecimentos adquiridos, adequando às necessidades, o interesse e motivações.

Como afirma Santomé (1997 p. 20):" o Currículo evidencia nossos compromissos e crenças sobre as funções a serem desempenhadas pela escolarização em nossa sociedade, partindo daquilo que pensamos sobre as possibilidades das pessoas para adquirir conhecimentos, habilidades, atitudes e valores .".

Sabendo-se que toda proposta curricular implica necessariamente apontar as especificações metodológicas e didáticas para o desenvolvimento da intencionalidade de ensino-aprendizagem, as quais não poderão estar em dissonância com os princípios que as norteiam, bem como do referencial teórico que os fundamentam. O foco principal da presente reflexão é falar sobre a forma de articular essas situações de aprendizagem.

Tendo em vista que, um dos grandes problemas enfrentados é a seleção dos conteúdos que vai ensinar, sobre essa problemática Zabala, (2002, P. 18-19) salienta que:

"Os currículos escolares estão formados por uma soma de disciplinas selecionadas sobre relativos critérios de importância e organizadas sob parâmetros estritamente disciplinares. Seleção que, na maioria dos planos de estudos oficiais do mundo, concretiza-se em um conjunto de disciplinas isoladas em que se dá uma maior ou menor ênfase a umas sobre as outras, nas quais a estrutura interna de cada uma delas sempre segue a lógica disciplinar".

Pressupõe-se que os conteúdos curriculares estabelecidos para determinados níveis de ensino, quando programados sem articulação com as vivências dos alunos, comumente não conduzem o educando a utilizar suas aprendizagens em situações

concretas. É nesse sentido que os temas transversais ganham significados e permeiam as disciplinas do currículo escolar.

Santomé (1997,p: 22) afirma que " todo o currículo é proposto com a finalidade de servir para o desenvolvimento e socialização do grupo de estudantes aos quais se destina. A escolha de sua finalidade é que proporciona a razão fundamental para um determinado planejamento e desenvolvimento de estratégias de ensino, aprendizagem e avaliação que contribuam para sua coerência".

O currículo deve orientar o processo de ensino e de aprendizagem a partir de princípios gerais e norteadores do planejamento e da ação pedagógica. Neste sentido, o currículo orienta a prática pedagógica Além disso, o currículo é concebido enquanto umas instâncias dinâmicas, alimentadas pela avaliação constante do processo de aprendizagem.

Coll (1987) cita "as informações contidas no processo de aprendizagem estão organizadas no currículo escolar, que reúne e integra todas as ações da escola e inclui metodologias de ensino e aprendizagem".

O currículo é o percurso de aprendizagem que revela concepções acerca da função social da escola e tipos diferentes de formação e é norteado pela realidade. Buscar os principais parâmetros ou eixos curriculares na realidade significa transformar o tratamento dado às metodologias para que os alunos possam relacioná-los a questões mais gerais.

Demo (2004: p.58), "as metodologias educacionais, não são mais como receitas que finalmente se enfeixam na aula reprodutiva e na prova tola, mais como estratégias de cuidados com a aprendizagem dos alunos, exige-se mudança profunda por vezes frontal de paradigma".

É importante entender que não há método a seguir mais uma série de condições a respeitar. Cabe ao educador saber aonde chegar, estabelecendo objetivos e metas a serem seguidas. De acordo com o paradigma emergente, o desafio passa por criar e permitir uma nova ação docente na qual tanto professores quanto alunos participam de um processo para aprender de forma criativa, dinâmica encorajadora que tenha como base o dialogo e as descobertas. Este processo deve permitir ao professor e aos alunos aprenderem a aprender num processo coletivo para produção do conhecimento, colocando como foco o aprendiz em um sistema aberto que permita a percepção e integração de um currículo vivo, no qual o ensino/aprendizagem se dê nas relações interdisciplinares e que o conhecimento seja tomado como um bem renovável em que educadores e educandos estejam

comprometidos com a produção do mesmo dentro de um contexto que vá além da escola.

Segundo Coll (1987) “a principal idéia é a necessidade de um plano curricular que satisfaça de forma articulada, todos os níveis de funcionamento de uma escola [...] se o conteúdo trabalhado tiver relação com a vida do aluno o êxito será maior”.

Nesta perspectiva o professor deve considerar o estado inicial dos seus estudantes, a partir do qual ele construirá propostas de ensino com o propósito de desencadear nos alunos um processo cognitivo e emocional que envolva os conteúdos eleitos no planejamento, de modo a provocar construções de conhecimento, ou seja, aprendizagens relacionadas aos conteúdos existentes no currículo. Portanto, para o bom funcionamento de um currículo depende não só do professor, mas dos alunos, pais, funcionários, coordenadores e diretores, para produzir mudanças numa perspectiva globalizada.

2.5 – AFETIVIDADE AUTO-ESTIMA

“Conceitualmente a afetividade é um domínio funcional cujo desenvolvimento é dependente da ação de dois fatores: orgânico e o social (Wallon, 1959.p: 267)”.

A afetividade é uma das dimensões mais antigas do desenvolvimento humano, pois o homem logo que deixou de ser orgânico passou a ser afetivo e lentamente passou para a vida racional.

A afetividade não é somente emoção, porque está, também ligada às questões fisiológicas e englobando a amplitude da emoção com as questões relacionais com a cognição e o meio social. Portanto, a idéia que as relações afetivas são relacionais com uma certa intenção de seres que interagem constantemente suas emoções e afetos.

Wallon, (1982:189) “O estudo da criança exigiria o estudo do/ou dos meios onde ela se desenvolve. É impossível de outra forma determinar exatamente o que é devido a esta e o que pertence ao seu desenvolvimento espontâneo”.

Para o autor as teorias sobre emoções têm base mecanicista e difíceis de serem compreendidas. Primeiro, ele as vê como reações incoerentes e tumultuadas e, em segundo lugar, destaca o poder ativador que têm as emoções, consideradas por ele positivas seja do ponto de vista da construção da pessoa como do ponto de vista do conhecimento, sendo, portanto, marcante para o desenvolvimento da espécie

humana que se manifesta a partir do nascimento e estende-se pelo primeiro ano de vida da criança.

Wallon explica que: “uma criança normal, quando já está se relacionando afetivamente bem com o seu meio ambiente, em particular com sua mãe, sente necessidade de ser objeto de manifestações afetivas para que, assim, seu desenvolvimento biológico seja perfeitamente normal (Dantas, 1992:85)”.

Assim, vemos que para Wallon, a afetividade, além de ser uma das dimensões da pessoa, é uma das fases mais antigas do desenvolvimento, pois o homem logo que deixou de ser puramente orgânico passou a ser afetivo e, da afetividade, lentamente passou para a vida racional. Nesse sentido, a afetividade e inteligência se misturam, havendo o predomínio da primeira e, mesmo havendo logo uma diferenciação entre as duas haverá uma permanente reciprocidade entre elas.

“(...) a afetividade depende, para evoluir, de conquistas realizadas no plano da inteligência, e vice-versa” (Dantas, 1992:90).

Verificamos no dia-a-dia que, quando a criança está idade escolar sua maneira de agir vai corresponder a princípios afirmados em etapas anteriores tal como descritas por Wallon, princípios esses necessários para evitar crises penosas nas quais a maturação da criança, o eu psicobiológico podem fazê-la passar. Para o autor, é na escola que a criança começa a se emancipar da vida familiar. Nesse período, a auto-estima é a confiança na capacidade de pensar e enfrentar desafios básicos da vida, no direito de ser feliz, do próprio valor, expressar necessidades e desejos. É necessário também, que haja relações de ordem pessoal. Entre ela e seu educador.

Ainda segundo Wallon (1986) “a educação se torna obrigatória e a criança não mais pertence unicamente ao grupo familiar, pois passa a fazer parte de grupos diferentes, o que caracteriza a fase da socialização”.

Nesta fase, o professor tem papel importante para essas novas formas de relações desenvolvendo, na criança, o espírito de cooperação e solidariedade através das tentativas de trabalho em equipe.

“No caso da criança, no qual entre ela e o objeto a conhecer existe um mediador, geralmente na pessoa de um adulto que ensina, a calidez da veiculação afetiva entre eles catalisa poderosamente a reação que resulta na apreensão do objeto pelo sujeito (Dantas, 1997:68)”.

O professor deve ainda ter verdadeira consciência de sua responsabilidade, precisa tomar decisões de acordo com seu tempo, tomando decisões pensadas, com

fundamento na sua instrução recebida, e de acordo com os valores morais e as relações sociais pertinentes à sua época. Suas decisões devem ser tomadas solidariamente com seus alunos, conhecendo suas condições de vida social e familiar. O professor em colaboração com seus alunos e de acordo com sua individualidade modifica suas próprias idéias em conformação com a realidade, que é móvel e dependente da existência de todos, e que também deve visar ao interesse de cada um.

“A libertação das inteligências pode ser buscada numa redução das duas emoções antifisiológicas e anticognitivas por excelência: o medo e a raiva (Dantas, 1997:70)”.

Diante de situações conflitantes, que nós professores vivenciamos diariamente na sala de aula com nossos alunos, e gerados por uma dessas condutas, o autor alerta que, se o professor tiver conhecimento do conflito eu –outro na construção da personalidade, recebe essas atitudes com mais calma, e não as toma como afronta pessoal. Se assim o fizer, terá maior possibilidades de controlar a manifestação de suas reações emocionais, e encontrar caminhos para solucioná-las. Portanto, refletir e avaliar as situações de dificuldades, buscando compreender seus motivos e reações já é um meio de reduzir atmosfera emocional. Assim, se faz necessário identificar os fatores responsáveis pelos conflitos, o que possibilitará o aperfeiçoamento da prática pedagógica:

“Há uma gama de ações [...] voltadas especificamente para o aumento da auto-estima [...] visando ao seu crescimento pessoal [...] na formação e no fortalecimento da identidade social... (Moisés, 2001)”.

São elementos essenciais à sobrevivência humana: o sermos capazes, pelo poder de nossa inteligência, de realizar, de criar, de solucionar os problemas que a vida nos apresenta, o sermos capazes pelo poder das nossas emoções e do nosso valor.

A pessoa que tem a auto-estima desenvolvida sente-se em condições de enfrentar os desafios que cada situação nos estimula na busca de nossos ideais, nos impulsiona para as realizações e para o sucesso.

Oliveira (1992), Numa explanação acerca da afetividade relacionada às experiências individuais, é que residem as vivências afetivas. Em tal sentido, a autora afirma que, “no próprio significado da palavra, tão central para Vygotsky, encontra – se uma concretização de sua perspectiva

integradora dos aspectos cognitivos e afetivos do funcionamento psicológico humano”.

A afetividade valoriza tudo em nossa vida, tudo aquilo que está fora de nós, como os fatos e acontecimentos, bem como aquilo que está dentro de nós (causa objetiva), como nossos medos, nossos conflitos, nossos anseios, valoriza também os fatos e acontecimentos de nosso passado e nossas perspectivas futuras. A falta de afetividade representa negativamente a pessoa para si mesma.

A auto – estima positiva é essencial para o processo na vida, é ela que nos fornece todas as armas para enfrentar dificuldades em nossa existência. De todos os julgamentos que enfrentamos na vida, nenhum é mais importante que aquele que temos de nós mesmos.

Wallon (1968) defende que, “no decorrer de todo desenvolvimento do indivíduo, a afetividade tem um papel fundamental”.

Falar de afetividade na perspectiva Walloniana é falar de emoções, disciplina, conflitos e postura, uma constante na vida da criança seja na família, na escola ou em outro ambiente que ele freqüente.

A auto - estima fortalece, dá energia e motivação, inspira a obter resultados, sentir orgulho diante das realizações, o valor pessoal.

Em se tratando da afetividade no contexto escolar o afeto do professor, a sua sensibilidade e a maneira de se comunicar vão influenciar nos modos de agir dos alunos, a ligação afetiva faz diferença no trabalho docente. Na perspectiva de Wallon(1968) [...] a inteligência e afetividade estão integradas”. No entanto, o autor admite que, “ao longo do desenvolvimento humano, existem fases em que predominam o afetivo e fases em que predominam a inteligência (*Ibid*)”.

A afetividade, por sua vez, tem uma concepção mais ampla, envolvendo uma gama maior de manifestação, englobando sentimentos (origem psicológico) e emoções (origem biológica). A afetividade corresponde a um período mais tardio na evolução da criança, quando surgem os elementos simbólicos.

“[...] já havia estimulado muitos professores [...] mostrando que é possível [...] resgatar um tema da maior importância na educação: o da auto-estima (Moysés, 2001)”.

Os alunos precisam ter em mente os componentes essenciais da auto-estima: a eficiência, o respeito e o equilíbrio. Manter um entusiasmo, criando condições de

coisas que se é capaz de fazer e aprender, acreditando em si mesma na sua capacidade de fazer dar certo, acreditando em si, nos outros, podendo transformar o mundo.

Vygotsky (1996) explicita claramente sua abordagem unificadora entre as dimensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico. Afirma ele que: “ a forma de pensar, junto com o sistema de conceito nos foi imposta pelo meio que nos rodeia, inclui também nossos sentimentos”.

Não sentimos simplesmente: o sentimento é percebido por nós sob a forma de ciúme, cólera, ultraje, ofensa. Se dissermos que desprezamos alguém, o fato de nomear os sentimentos faz com que estes variem, já que mantêm uma certa relação com nossos pensamentos.

Wallon (Ibidem) afirma: “A afetividade deve ser distinguida se suas manifestações, diferenciando dos sentimentos, da paixão, da emoção que são manifestações afetivas basicamente orgânicas”.

Essas formas de expressões são diferentes. A afetividade é um sentido abrangente esta sempre relacionada aos estados de bem-estar e mal-estar do indivíduo, evoluindo para uma ordem moral e seus motivos são originados das relações indivíduo-outrem, sejam relações pessoais e sociais.

Segundo Wallon, (1968) “é com o aparecimento destes que ocorre a transformação das emoções em sentimentos”.

O meio social e as relações humanas são circunstâncias necessárias para a modelagem do indivíduo, sem isso não haveria evolução. Na obra Walloniana, a afetividade constitui um domínio funcional tão importante quanto da inteligência, pois embora tenham funções bem definidas e diferenciadas entre si são independentes no desenvolvimento cognitivo. A relação entre a inteligência e uma das manifestações da afetividade “entre as duas não param de desenrolar ações e reações mútuas que mostram como vãs as distinções de espécies que os diferentes sistemas fisiológicos fazem entre matéria e pensamento, existência e inteligência, corpo e espírito” (Wallon, 1963).

“[...] a afetividade depende, para evoluir, de conquistas realizadas no plano da inteligência, e vice-versa (Dantas, p.90, 1992)”.

O exposto até o momento permite-nos concordar com Dantas (1992) sobre a possibilidade de haver etapas de desenvolvimento da afetividade, pois Wallon parece

propor uma evolução da afetividade que, segundo interpretamos, iniciam nos primeiros dias de vida e se prolonga no processo de desenvolvimento, diferenciando-se em suas formas de expressão sob a influência social. Acredita-se que essa proposição é plausível, na medida em que os estados de bem-estar e mal-estar apresentam-se primitivamente, já com conotações afetivas, relacionados às sensibilidades orgânicas e posteriormente diferenciam-se em manifestações diversas, como as emoções, os sentimentos, e as paixões. Essas manifestações vão aparecendo em períodos diferentes da evolução infantil, e vão incorporando as conquistas realizadas no domínio cognitivo, modificando as suas formas.

2.6 ESCOLA CULTURA

Entende-se que as escolas são formas sociais que ampliam as capacidades humanas, a fim de habilitar as pessoas a intervir na formação de suas próprias subjetividades e serem capazes de exercer poder com vistas a transformar as condições ideológicas e materiais de dominação em práticas que promovam o fortalecimento do poder social e demonstrem as possibilidades de democracia.

Segundo Candau (2000), “a relação escola e cultura é uma relação antiga traduzem igualmente as formas específicas através das quais [...] as condições teórico-metodológicas de produção de saber científico como um todo”. Por meio da cultura pode se perceber as mudanças que ocorrem por intermédio do indivíduo, com o intuito e o objetivo de apropriar o meio em que vive, marcando culturalmente a evolução da humanidade, e ao mesmo tempo em que se desenvolve vai se tornando complexa, passando-se de geração a geração. Costumes, valores, conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, hábitos, que vão se expressar social e individualmente, devem ser repassados pela escola, estando esta envolvida em um processo de transmissão cultural.

“A reflexão atual sobre a relação escola e cultura [...] devem ser estabelecidas, entre os diversos grupos sociais, étnicos e culturais [...] é preciso também buscar estratégias onde as diferenças culturais possam coexistir de forma democrática” (Candau: 2000).

É de grande importância toda a diversidade cultural identificada dentro de uma comunidade, sendo possível explicar a gama de costumes que praticamos nos dias atuais, justificando as constantes mudanças que são realizadas em prol das melhorias para uma vida melhor, procurando evoluir com o próprio crescimento.

“[...]da não neutralidade dos conteúdos escolares que são transmitidos pela escola, da necessidade de buscar estratégias pedagógicas que saibam lidar com a diversidade cultural presente nas salas de aula, ou, até mesmo, da própria função social da escola...(Candau,2000)”.

A sugestão dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) a partir dos quais os currículos são elaborados as condições econômicas, políticas e culturais levam a refletir oferecendo uma contribuição para elevar os padrões de ensino e aprendizagem de acordo com as necessidades sociais contemporâneas, observando as características locais da sociedade.

“[...] característica da razão pedagógica, e a necessidade de incorporar a noção de conteúdo significativo para aqueles a quem o ensino se dirige e cujos critérios de validade podem extrapolar... procurar caminhos alternativos... e o próprio conflito cultural que ela acarreta... encaminhamento de propostas que possam contribuir, dessa forma, para uma melhoria da prática pedagógica (Candau:2000)”.

A escola é um espaço de formação e informação onde a aprendizagem de conteúdos deve necessariamente favorecer a inserção do aluno no dia-a-dia das questões sociais marcantes num espaço cultural maior.

Segundo Libâneo (1998) “a escola continua sendo um lugar de mediação cultural, e a pedagogia ao viabilizar a educação constitui como pratica cultural intencional de produção e internalização de significados”.

A escola é uma instituição construída, historicamente, no contexto da modernidade, considerada como mediação privilegiada para desenvolver uma função social fundamental: transmitir cultura, oferecer às novas gerações o que de mais significativo, culturalmente, produziu a humanidade.

Segundo Candau (2003, p;160) “a problemática das relações entre escola e cultura é inerente a todo processo educativo. Não há educação que não esteja imersa na cultura da humanidade e, particularmente, do momento histórico em que se situa”.

A reflexão sobre esta temática é co-extensiva ao próprio desenvolvimento do pensamento pedagógico. Não se pode conceber uma experiência pedagógica “desculturizada”, em que a referência cultural não esteja presente. A escola é, sem dúvida, uma instituição cultural. Portanto, as relações entre escola e cultura não podem ser concebidas como entre dois pólos independentes, mas sim como universos entrelaçados, como uma teia tecida no cotidiano e com fios e nós profundamente articulados.

De acordo com Sacristán (2001, p. 21) "a escola contribuiu consideravelmente para fundamentar e para manter a idéia de progresso como processo de marcha ascendente na História; assim, ajudou a sustentar a esperança em alguns indivíduos, em uma sociedade, em um mundo e em um porvir melhores".

Graças a ela, tornou-se possível acreditar na possibilidade do desenvolvimento da inteligência, no exercício da racionalidade, na utilização de novos conhecimentos e na geração de uma nova ordem social mais racional.

Gómez (1998) propõe que "entendamos hoje a escola como um espaço de "cruzamento de culturas ". Nesta perspectiva exige-se estabelecer um novo olhar, uma nova postura, que sejam capazes de identificar as diferentes culturas que entrelaçadas no universo escolar, bem como de reinventar a escola, reconhecendo o que a especifica, a identifica e a distingue de outros espaços de socialização: a "mediação reflexiva" que realiza sobre as interações e o impacto que as diferentes culturas exercem continuamente em seu universo e seus atores.

"O responsável definitivo da natureza, sentido e consistência do que os alunos e alunas aprendem na sua vida escolar é este vivo, fluido e complexo cruzamento de culturas que se produz na escola que se refletem no currículo; as influências da *cultura social (idem)*".

Portanto, a escola deve propiciar o desenvolvimento de capacidades, de modo a favorecer a compreensão e à intervenção dos fenômenos sociais e culturais possibilitando aos alunos usufruir as manifestações culturais existentes, como também, está ser chamada a lidar com a pluralidade de culturas, reconhecer os diferentes sujeitos socioculturais presentes em seu contexto, abrir espaços para a manifestação e valorização das diferenças.

2.7 - FORMAÇÃO DE PROFESSORES

O desempenho dos alunos remete-nos diretamente a necessidade de se considerarem aspectos relativos à formação do professor.

Segundo a formação de profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e as características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos I - a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço; II - aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades.

Tal profissional deverá estar apto a: conhecer e dominar conteúdos básicos relacionados às áreas de conhecimento que serão objeto de sua atividade docente, adequando-os às necessidades dos alunos; compreender e atuar sobre o processo de ensino-aprendizagem na escola e nas suas relações com o contexto no qual se inserem as instituições de ensino; resolver problemas concretos da prática docente e da dinâmica escolar, zelando pela aprendizagem dos alunos; considerar, na formação dos alunos da educação básica, suas características socioculturais e psicopedagógicas; sistematizar e socializar a reflexão sobre a prática docente.

Segundo Garrido (1994), "A prática não fala por si mesma. Exige uma relação teórica com ela. Nega-se, portanto, uma concepção empirista da prática. A prática não existe sem um mínimo de ingredientes teóricos".

De acordo com o Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

Nóvoa (1995), "coloca ainda que para agravar mais a crise de identidade do educador, a sociedade e alguns governantes chegaram a conclusão simplista que o professor é responsável direto pelas lacunas existentes no processo de ensino, e conseqüentemente, pelo fracasso escolar, sem levar em conta, a falta de uma política educacional consistente que possa suprir as necessidades básicas do ensino, como a falta de materiais didáticos, pedagógicos e o baixo salário dos professores."

Segundo os PCNs, a exigência legal de formação inicial para a atuação do ensino fundamental nem sempre pode ser cumprida, em função das deficiências do sistema educacional (p;30). Nesta perspectiva a formação docente e a construção da competência profissional os Referenciais para a Formação de Professores (1999) enfatizam que [...] a análise do trabalho educativo escolar demonstra que não basta ao professor ter conhecimento sobre a prática, é fundamental saber fazer. Uma verdadeira construção de competência profissional exige experiência de atuação aliada à reflexão sistemática (BRASIL-MEC; p: 63).

É preciso considerar investimento educativo contínuo e sistemático para que o professor se desenvolva como profissional de educação investir neste desenvolvimento profissional é também intervir nas reais condições de trabalho

deste docente.

Este levantamento mostra a urgência de se atuar na formação inicial dos professores, é necessário afirmar que a discussão sobre este tema exige uma reflexão à cerca do sentido de desenvolvimento profissional inspirado na concepção de educação continuada.

“O uso do termo educação continuada tem a significação fundamental do conceito de que a educação consiste em auxiliar profissionais a participar ativamente do mundo que o cerca, incorporando tal vivência no mundo dos saberes de sua profissão (Marim, 1995: 19)”.

No que se refere a educação continuada, o Art. 63 diz que: os institutos superiores de educação manterão: I - cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinado à formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do ensino fundamental; II - programas de formação pedagógica para portadores de diplomas de educação superior que queiram se dedicar à educação básica III - programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis

De acordo com Libâneo, (1998:p: 04) “as ações de formação continuada precisam articular-se em torno de um projeto global de formação e desenvolvimento profissional de professores, superando sua transformação em mercado de entusiasmo (...)”.

Segundo o Art. 64. A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional.

Neste contexto, entende-se que o desenvolvimento profissional como um processo que tem origem na formação inicial e se prolonga por toda vida, oferecendo diferentes oportunidades, reflexões sobre a prática desenvolvida prevendo possibilidades de mudanças e como transmissão e apropriação do conhecimento histórico e socialmente construído.

Santos (1998) “analisa que este modelo no contexto de educação continuada de professores o admite como forma que melhor prepara o docente para o enfrentamento de situações futuras, por torná-los mais consciente de seus padrões de trabalho, dos princípios e valores subjacentes às suas rotinas e a seus hábitos de trabalho”.

Segundo a LDB, (art.67, inciso II) os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público. Aperfeiçoamento profissional continuada [...].

Tendo em vista a transformação em que atuam estes profissionais este processo envolve uma diversidade de ações, (cursos, encontros, seminários, discussões permanentes, estudos e palestras). A formação não pode ser tratada como um simples acúmulo de cursos e técnicas, mas como um processo reflexivo sobre a prática educativa. Uma política de formação inicial e continuada do professor deve levar em consideração a importância da competência docente: da reflexão na ação, da reflexão sobre a ação e da reflexão sobre a reflexão na ação. Este tripé deve fundamentar conceitualmente uma proposta de política comprometida com a inovação.

Tem-se a consciência que a implantação dos programas de educação continuada pretende contribuir para a discussão sobre o desenvolvimento profissional do educador, uma análise dos problemas que perduram e desafiam os trabalhos pedagógicos, o conhecimento científico, mas a articulação com a experiência (teoria – prática) e o levantamento de propostas que efetivamente consiga articular ‘o saber com o saber fazer.

“A idéia de um profissional da educação entendido como um intelectual em processo contínuo de formação e autoformação vem ganhando força e se afirmando como uma via de valorização do desenvolvimento pessoal-profissional do docente e das instituições escolares (Pimenta, 1999)”.

Preparar para o magistério, muito mais que habilitar para o exercício legal de uma profissão significa propiciar as condições para o desenvolvimento de um corpo teórico-prático de conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que compõem a ação docente competente como um processo contínuo e dinâmico de constituição da identidade do professor.

A formação de professores, segundo Nóvoa (1995),” os processos de: produzir a vida do professor (desenvolvimento pessoal), por meio da valorização da reflexão sobre as práticas que realiza e experiências que compartilha; produzir o profissional docente (desenvolvimento profissional), dotando-o de saberes específicos em constante re-elaboração; produzir a escola (desenvolvimento organizacional) como espaço de trabalho e formação, implicando gestão democrática e práticas curriculares participativas.”

A formação docente reflexiva e interacionada, na qual o saber-pensar e o saber-agir representam pontos-chave da identidade do professor, contempla ainda uma terceira base fundamental – o saber-valorar – dimensão ética que permeia todo o processo formativo e o campo de atuação do profissional da educação.

Com esse perfil em atualização permanente, seja por meio de atividades formais e presenciais, seja por atividades e cursos a distância, o profissional professor deverá estar sempre participando ativamente da construção de uma prática pedagógica que possibilite a condução dos alunos pelos caminhos da apropriação ativa e crítica do conhecimento

Segundo Pimenta (1999), a desvalorização do professor está ligado às concepções que o considera, como um simples técnico reproduzidor dos conhecimentos pré-elaborados. E que a sociedade contemporânea, cada vez mais, necessita de professor/educador que seja mediador nos processos constitutivos da cidadania dos alunos, no sentido de superar as desigualdades escolares. Portanto, se faz necessário repensar a formação inicial e contínua dos professores, analisando as práticas pedagógicas e docentes que os formam.

A formação inicial composta por um currículo formal com conteúdos fragmentados e atividades de estágios distanciados da realidade das escolas, tem contribuído pouco na formação da identidade do profissional educador. No que se refere a formação contínua, na qual se realiza cursos de atualização dos conteúdos, tem se mostrado ineficiente para alterar a prática docente e evitar o fracasso escolar. Esses fatos e muitas outras falhas no processo formativo, desvalorizam a profissão e o profissional da área educativa.

Segundo Nóvoa (1995), "nas últimas décadas, existe um mal-estar docente, gerado pelas transformações sociais, políticas e econômicas que vem ocorrendo no mundo de forma acelerada, e essas mudanças atingiram o processo educativo. Por um lado, parece que a sociedade deixou de acreditar na educação como promessa de um futuro melhor; os professores enfrentam a sua profissão com uma atitude de desilusão e renúncia, o que degrada cada vez mais sua imagem social".

Mas o professor precisa compreender, que ele não é o único responsável pelos problemas do ensino como é colocado pela sociedade, mas que estes são

problemas sociais que requerem soluções por meio de políticas sociais que garantam a expansão do ensino das massas com qualidade.

Sendo a escola o local tanto da instrução como da formação, é fundamental uma ação educativa que contribua para a construção de uma cidadania fundada na solidariedade, na diversidade, no sincretismo cultural, no reconhecimento e respeito às diferentes formas de conhecer, sentir e agir.

Mais do que criar novos espaços de formação faz-se necessário um repensar no papel político e pedagógico do professor, repensar este que, pelas colocações feitas, em momento algum foi feito em nossa história da educação brasileira. Formar professores precisa deixar de ser sinônimo de formar reprodutores. “O modelo de formação proposto baseia-se numa reflexão do professorado sobre a sua prática docente, que lhe permite repensar a sua teoria implícita do ensino, os seus esquemas básicos de funcionamento e as próprias atitudes (MEC, 1995, P. 106 in Nóvoa)”.

Formar professores exige dos estabelecimentos que se propuserem a tal ação, independentemente da nomenclatura que recebam, um olhar dialético acerca da práxis pedagógica. Esta precisa ir muito além do simples associar teorias a práticas. Pensar dialeticamente significa ter um olhar inquieto sobre a realidade. Um olhar questionador e plural, que pense e repense suas ações constantemente e que as modifique negando suas práticas anteriores, mas que uma descoberta seja o ponto de partida para outras descobertas. Tal processo Nóvoa (1995) “denomina indagação-reflexão”. Este que diferenciará um professor e sua prática de um mero reprodutor de fórmulas prontas, incapaz de questionar as verdades que lhe são apresentadas.

Segundo Schôn (in Pimenta, 2002), os professores devem ter sua formação não mais nos moldes de um currículo normativo, o qual apresenta, primeiramente, a ciência para, posteriormente, detalhar sua aplicação e por último o estágio. Tal formação, segundo o autor, não contribui, tampouco articula teorias e práticas. Para ele, a reflexão é preponderante nesse processo, pois, refletindo sua experiência, o professor otimiza a reflexão na ação, ato que propiciaria mudanças em suas práticas docentes, que deixariam de ser mecânicas e reprodutivas para serem pensadas e repensadas.

Uma formação de professores consistente deve preconceber o “continuum” (Nóvoa, 1995) que não pode restringir-se à sua formação inicial. Nessa perspectiva entram em cena tanto a formação continuada, a formação pela prática, propiciando uma constante construção e desconstrução de um novo profissional. Um profissional consciente de suas ações, reflexivo e disposto a inovar a fim de deixar marcar positivas naqueles com os quais interagir no processo professor-aluno.

A legislação fundamental que rege o Sistema Educacional Brasileiro constitui a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Instituída pela Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a LDB promove a autonomia aos sistemas de ensino e a valorização do magistério que visa atender as peculiaridades da população alvo que tem como os princípios orientadores, sistematizar a experiência profissional dos estudantes e professoras, tornar-se um espaço de aprofundamentos culturais e educacionais, garantir novas formas de vinculação entre teoria e prática docente, valorizar o espaço para a pesquisa na formação docente, formar o professor-pesquisador com visão multidisciplinar e colaborativa, construir a autonomia profissional na interdependência do trabalho coletivo.

3 - METODOLOGIA

O tema da pesquisa afetividade na relação professor-aluno no processo ensino e aprendizagem evidenciou-se por meio de uma abordagem qualitativa.

A pesquisa qualitativa tem suas características baseadas no um ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; os dados coletados são predominantemente descritivos; a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; o significado que as pessoas dão às coisas e a sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo (André, 1986).

O local da pesquisa teve como unidade uma Escola Pública de Ensino Fundamental na região administrativa de Samambaia.

Participaram como sujeitos da pesquisa: a professora regente e aluno.

Os instrumentos utilizados na pesquisa foram: a análise documental, a observação e entrevistas semi-estruturadas.

“Análise documental busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesses (André, 1986)”.

A observação como um dos métodos de coleta de dados da pesquisa qualitativa permite ao pesquisador uma maior proximidade com o fenômeno investigado e a apreensão das "perspectivas dos sujeitos", entendidas enquanto possibilidades de captar concepções e significados a que os mesmos atribuem à suas ações (André, Ludke, 1986).

As entrevistas semi-estruturadas de acordo com André (1986) representam um dos instrumentos básicos para a coleta de dados. Ela desempenha um importante papel não apenas nas atividades científicas como em muitas outras atividades humanas.

A análise documental seguiu mediante os documentos analisados na escola: Proposta Pedagógica, diário do professor, caderno do aluno, conforme roteiro elaborado (Apêndice A).

A observação foi realizada para verificar e analisar a existência de uma relação afetiva do professor com o aluno dentro de sala de aula, conforme o roteiro elaborado (Apêndice B).

A entrevista semi-estruturada foi elaborada baseada no tema, nos objetivos geral e específicos, onde foram evidenciados os seguintes aspectos orientadores: processo ensino e aprendizagem, relação professor/aluno e afetividade (Apêndice C e D).

Durante análise documental não surgiu dificuldades, pois os documentos analisados encontravam-se disponíveis na escola. Para a realização da entrevista com o a professora “Y” surgiram dificuldades em relação ao horário marcado sendo que a mesma apresentou dificuldades em responder os questionamentos. Quanto à observação ocorreu sem anormalidades, à professora mostrou-se tranqüila e com desembaraço desempenhou satisfatoriamente a aula.

Esta pesquisa realizou-se no mês de julho a novembro de 2005.

Na primeira fase em julho aconteceu orientação referente ao manual de orientações para a realização do trabalho de conclusão do curso – TCC.

Na segunda fase, em agosto de 2005 escolheu-se o tema, realizou-se o fichamento que iria subsidiar teoricamente o projeto.

Na terceira fase, em setembro de 2005, iniciou-se a construção do referencial teórico, elaborou-se o projeto e os instrumentos de pesquisa e elencou-se as categorias.

Na quarta fase, em outubro de 2005, aplicou-se os instrumentos de pesquisa, deu-se continuidade ao referencial teórico, realizou-se a coleta e levantamento de dados.

Na quinta fase, em novembro, sucedeu-se a análise e discussão de dados, resultados e a conclusão da pesquisa, mediante elaboração do relatório que concluiu a monografia.

4 - ANÁLISE - DISCUSSÃO DOS DADOS

O local da pesquisa foi a Escola Classe situada na região administrativa de Samambaia no Distrito Federal, que por motivos étnicos será denominado "S". Os sujeitos envolvidos foram: o aluno da 4ª série que será identificado como "X", professora regente como "Y", e o diretor como "W".

A Escola Classe "S" faz parte deste contexto histórico e foi inaugurada em 11 de abril de 1990, para atender a comunidade local. Cidade criada na forma de assentamento para famílias de baixa renda, que vieram de invasões como Boca da Mata, Ceilândia, Taguatinga, Invasão do Ceub e do Plano Piloto. Essa escola que foi construída provisoriamente, ainda hoje, permanece com a mesma estrutura do início de sua inauguração, sendo que houve desgastes ao longo dos anos. Hoje a sua estrutura física, comporta 05 blocos, sendo que no 1º bloco encontra-se: cantina, 2 banheiros para os alunos, 2 para os funcionários, 02 salas para depósitos e 01 sala para os auxiliares; no 2º bloco funciona secretária, direção, sala dos professores e uma sala de leitura, e nos demais encontra-se 12 salas de aulas.

A escola conta atualmente com 43 funcionários, sendo 1 diretor, 1 vice-diretora, 1 assistente Educacional, 1 Coordenador, 24 professores, 4 vigias, 1 porteiro, 2 merendeiras e 7 auxiliares de Educação, contribuindo assim para o funcionamento da escola nos turnos matutino e vespertino.

Atualmente a escola atende a uma clientela de 734 alunos da Educação Infantil a 4ª série do Ensino Fundamental, sendo 24 turmas, distribuídos nos dois turnos: Matutino e Vespertino.

Para atender melhor a necessidade na parte da estrutura física seria necessário: quadra de esporte, sala de vídeo, laboratório de informática, biblioteca, parquinho e auditório.

Na escola "S" é desenvolvido há alguns anos um projeto preventivo em relação ao uso das drogas, Programa de Erradicação das drogas (PROERD) organizado pela Polícia Militar do DF.

Os dados coletados foram analisados e evidenciados a partir das três categorias: ensino e aprendizagem, relação professor /aluno e afetividade.

As categorias estão definidas de acordo com os seguintes autores:

Processo Ensino e Aprendizagem: "é o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores a partir do seu contato com a realidade, o meio ambiente, as outras pessoas (Oliveira, 1998)".

Relacionamento professor/ aluno, segundo Oliveira (1998): "Vygotsky afirma que o professor tem o papel explícito de interferir na zona proximal dos alunos, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente".

Afetividade: segundo Wallon (1959) "é um domínio funcional cujo desenvolvimento é dependente da ação de dois fatores: orgânico e o social".

Dantas afirma que: "A consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica: corresponde à sua primeira manifestação. Pelo vínculo imediato que se instaura com o ambiente social, ela garante o acesso ao universo simbólico da cultura, elaborado e acumulado pelos homens ao longo de sua história "(Idem, 1992 p. 85-86)".

Categoria Ensino e Aprendizagem

Analisando os documentos da escola verificou-se que esta apresenta uma Proposta Pedagógica voltada para a realidade do aluno.

"A qualidade do projeto político pedagógico volta-se para os fins, os valores e os conteúdos, ocupando-se com a competência humana do sujeito em termos de se fazer e de fazer história, diante dos fins históricos da sociedade humana assumindo a responsabilidade de colaborar com a formação de pessoas comprometidas com a transformação social, colocando a qualidade a serviço de tal finalidade (Demo, 1994)".

Com base nos documentos analisados, identificou-se a categoria ensino e aprendizagem nos seguintes documentos: proposta pedagógica, diário do professor, caderno de plano de aula, relatório individual do aluno "X" e caderno. Na análise documental verificou-se que a Proposta Pedagógica da Escola Classe "S" sugere que sejam desenvolvidos projetos que enfoquem habilidades e competências dando ênfase a projetos que envolvam afetividade, auto-estima na relação professor/aluno, construção da criticidade, transformando sua curiosidade em esforço cognitivo, buscando autonomia, pensando e resolvendo situações cotidianas. O referido documento foi elaborado com a participação de todos os professores no início do ano letivo. De acordo com Snyders (1988) "evitar o improvisado, prever o futuro, estabelecer caminhos que podem nortear mais apropriadamente a execução da ação educativa, especialmente quando garantimos a socialização do ato de planejar" No diagnóstico da escola constatou-se a existência de alunos que apresentam comportamentos inadequados, baixo rendimento escolar e baixa auto-estima. Estas

evidências serviram para que a escola estabelecesse os seguintes projetos: PROERD e Portal das Virtudes”.

O projeto Portal das Virtudes é trabalhado por livros literários, por meio de textos, produções textuais e dinâmicas tendo como tema: bondade solidariedade, respeito, responsabilidade, honestidade.

No diário da professora "Y", analisou-se que está em dia com conteúdos direcionados para o desenvolvimento do raciocínio lógico, reflexão criatividade, que favorecem o trabalho da auto-estima na relação professor/aluno como sugere o PCNs e o Currículo de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental da Educação Básica, onde foram desenvolvidas atividades para identificar as competências e valores relevantes dentro e fora da escola. Sendo que, a mesma registra todo seu plano de aula em um caderno diariamente, flexionando os conteúdos preparados para eventuais mudanças que julgar necessário.

Oliveira, defende segundo Vigotsky.” é o aprendizado que possibilita o despertar de processos internos do indivíduo liga o desenvolvimento da pessoa a sua relação com o ambiente sócio-cultural em que vive e a sua situação de organismo que não se desenvolve plenamente sem o suporte de outros indivíduos de sua espécie (2003,p:58)”.

Mediante a observação possibilitou uma reflexão sobre a flexibilidade no plano de aula.

Observou-se que a professora entra em sala de aula com bom humor cumprimentando seus alunos, pedindo auxílio para carregar os materiais.

A sala de aula observada apresenta paredes com a pintura desgastada; o piso esburacado, com pouca ventilação. Mesmo diante do exposto, a professora demonstra criatividade melhorando o ambiente com cartazes e mural. Em alguns momentos ela modifica a posição das carteiras para realizar trabalho em grupo.

A mesma tem por hábito corrigir diariamente o caderno dos alunos com elogios escritos, vê o erro dos alunos como ponto positivo no processo de ensino e aprendizagem, fazendo intervenções e instigando o aluno na construção do saber.

“A atitude favorável para aprendizagem adquirida faz referencia [...] para relacionar o novo material de aprendizagem com que o aluno já conhece, com os conhecimentos adquiridos previamente, com os significados já construídos (Coll 2002)”.

Por meio da observação constatou-se que a avaliação da professora acontece de forma contínua e processual.

Cabe salientar que apenas um aluno em especial foi observado mediante roteiro, visto que o mesmo apresentou baixo rendimento e indisciplina no semestre anterior, no qual verificou-se que a prática pedagógica utilizada pela professora "Y" vem obtendo êxito onde o mesmo tem demonstrado uma melhoria no aprendizado, comportamento, atitudes, relacionamento com os colegas, responsabilidade nas tarefas de sala e para casa por meio da relação afetiva motivada pela mesma.

Segundo Wallon (Dantas, 1990) "o desenvolvimento da inteligência depende essencialmente de como cada uma faz as diferenciações com a realidade exterior. Primeiro porque, ao mesmo tempo, suas idéias são lineares e se misturam — ocasionando um conflito permanente entre dois mundos, o interior, povoado de sonhos e fantasias, e o real, cheio de símbolos, códigos e valores sociais e culturais".

Durante a observação, a professora "Y" pede ao aluno "X" que leia em voz alta expondo sua opinião sobre o texto escolhido por ela. O aluno gagueja, esfrega as mãos e a voz sai [...] *professora não entendi o texto*". A professora com entusiasmo estimula o aluno com as seguintes palavras: *"leia o texto outra vez, você é capaz, tenho certeza que conseguirá entendê-lo..."* O aluno "X" voltou a ler o referido texto com mais interesse, e quando solicitado para expor sua opinião, o fez com mais desembaraço. A professora "Y", após a exposição do aluno "X", teceu -lhe os seguintes elogios: *"parabéns, eu sabia que você ia conseguir"*.

Segundo Wallon (Dantas, 1990):" quando, em alguma situação da nossa vida, há o predomínio da função cognitiva, estamos voltados para a construção do real, como quando classificamos objetos, fazemos operações matemáticas, definimos conceitos, etc. Quando há o predomínio da função afetiva, neste momento estamos voltados para nós mesmos, fazendo uma elaboração do EU."

Ao conversar com o diretor "W" solicitou-se a possibilidade de analisar os documentos da escola como: Projeto Político Pedagógico e histórico. Ele respondeu educadamente: *"Tudo bem, só que aqui, na escola não temos um projeto político pedagógico, mas sim uma proposta pedagógica que foi elaborado por todos os professores na semana pedagógica no início do ano de 2005, onde constam todos os projetos desenvolvidos. Também foi solicitado o diário, caderno de plano do professor e um momento para a observação em sala de aula". Quanto ao diário e o caderno vocês devem pedir a professora a qual vai ser observada, conversem com ela para marcar o dia mais apropriado, pois durante toda a semana estaremos ocupados com*

as programações festivas do dia das crianças. Fiquem à vontade e se precisarem de mais informações procurem a mim ou a vice-diretora".

Nesta categoria o diretor afirma que a escola contempla o aprendizado do aluno com o seguinte comentário: *"Acredito que os alunos constroem o conhecimento por meio de projetos voltados para temas específicos como: temas transversais, dramatizações, grupos de leitura e reforço escolar."*

Segundo Coll (1987) "a principal idéia é a necessidade de um plano curricular que satisfaça de forma articulada, todos os níveis de funcionamento de uma escola [...] se o conteúdo trabalhado tiver relação com a vida do aluno o êxito será maior".

Para realizar a entrevista com a professora "Y", houve adiamento por causa das comemorações do dia das crianças. A entrevista se deu de forma conturbada, pois a mesma não respondia com objetividade e segurança o que era perguntado. Por ter chegado na escola "S" no segundo semestre, desconhece como aconteceu a elaboração da Proposta Pedagógica e os projetos propostos. De acordo com a entrevista com a professora "Y" quanto ao ensino e aprendizagem dos alunos a mesma afirma que: *"o aluno constrói o conhecimento sendo motivado e auxiliado sempre que necessário e quando o mesmo solicita."*

Muitos comentários foram feitos pela professora "Y", mas um chamou-nos atenção entre tantos outros, quando ela fala: *"Puxa, não posso esquecer de anotar a letra da música, pois vou cantar com eles no dia das crianças"* E saiu cantarolando.

Categoria Relação professor/aluno

Nessa categoria na análise documental verificou-se na Proposta Pedagógica da escola "S" que existe uma ação e uma preocupação do corpo discente e docente na relação professor/aluno, na qual desenvolve a aproximação desta relação contribuindo para um maior interesse pelas aulas e pela escola fazendo com que os alunos sejam sujeitos ativos na construção do seu conhecimento. Na proposta pedagógica consta: *"Que a interação humana visa direcionar a relação professor – aluno, incentivando e intervindo de maneira dialógica e dinâmica, mantendo um intercâmbio de conhecimento, idéias e valores aspirados na relação escola e vida, contribuindo assim, para a formação da personalidade do educando."* Dentro da proposta destaca-se o projeto "Portal das Virtudes" onde o principal objetivo é trabalhar a auto-estima do professor e aluno, esse projeto acontece uma vez por semana com histórias, debates,

mensagens, dramatizações, palestras com psicólogos enfocando o tema “como trabalhar a auto-estima do educando e educador” propiciando um ambiente onde favoreça as interações sociais, físicas e afetivas.

Segundo Libanêo (1998) “a escola continua sendo um lugar de mediação cultural, e a pedagogia ao viabilizar a educação constitui como prática cultural intencional de produção e internalização de significados”.

Observou-se que o diretor "W" demonstra uma certa indiferença no relacionamento com os alunos, pois o mesmo não participou das atividades desenvolvidas em comemoração à semana da criança, apresentando maior interesse na parte administrativa.

Ao entrar na sala de aula para a observação, a professora apresentou-nos para a turma. O aluno prontificou-se para providenciar cadeiras e carteiras. Com a presença de pessoas estranhas a turma ficou um pouco inquieta e eufórica.

Percebeu-se que em determinados momentos que os alunos, apresentavam atitudes antagônicas, pois ao mesmo tempo em que eram “indisciplinados” e “sem limites”, momentos depois mostravam atitudes de carinho e companheirismo entre eles e a professora. Os alunos apresentavam estes comportamentos pelo simples gosto de exercitar a oposição. Quando a professora fala: “*Senta, e fique calado...*” O aluno “X” responde: “*Ah! Professora relaxa*”.

Para Vigotsky (1994), a interação é também responsável pelo desenvolvimento do indivíduo. Nesse caso há uma interação constante e contínua entre os processos internos e as influências do mundo social que o indivíduo interpretará/entenderá à sua própria maneira. Desta forma, a interação na sala de aula contribuirá muito no processo de aprendizagem [...]“.

Ao observar a professora “Y” constatou-se que é muito atenciosa, carinhosa, mas quando necessário se exalta devido à conversa excessiva, grita, bate na mesa chamando atenção dos alunos fazendo com que eles falem mais baixos: “*é impossível que vocês consigam fazer o dever com tanta conversa...*” Os alunos por um instante permanecem em silêncio, e aos poucos retornam.

Por meio da observação o aluno “X” evidenciou que há respeito mútuo, cooperação e ajuda, quando é solicitado, propondo-se sempre que necessário, auxiliar a professora na entrega de tarefas, apagar o quadro, distribuir o lanche e principalmente em organizar o material da professora. O aluno "X" chegou perto da

professora e perguntou: *“posso distribuir as folhas?”* A professora balançou a cabeça concordando.

Observou-se que o aluno “X” em sala demonstra uma boa interação com os colegas sendo participativo, mas ao mesmo tempo inquieto, já no recreio, revelou ter preferência por brincadeiras muito movimentadas.

Percebe-se que acontece a mediação em sala, pois a professora “Y” cria situações de aprendizagem de forma dinâmica e de interação, com atividades lúdicas enriquecendo o aprendizado. Todavia, com os alunos que apresentam dificuldades a mesma trabalha com atendimento individual e reforço em horário contrário. Após a explanação da professora “Y” sobre determinado conteúdo, houve um diálogo entre o aluno “X” e a mesma: *“professora, consegui entender e já terminei”*. Ela respondeu com carinho: *“muito bem, agora, ajude seu colega que ainda não terminou”*.

A Aprendizagem implica dimensão individual e social, condição comum no grupo e condição individual própria, dependência e autonomia frente ao professor; o aluno tem direito à igualdade e à diferença, a ser tratado como semelhante participe da sociedade e como indivíduo específico, dotado de horizontes subjetivos próprios e também acometido de problemas que podem minar a aprendizagem (DEMO, 2004).

Em relação a entrevista diretor não mostrou muito interesse por participar, mas mesmo assim respondeu, havendo demora em nos atender, pedindo desculpas e justificando o atraso. *“Desculpe-me, pois estava resolvendo uns probleminhas.”*

No que diz respeito à relação professor – aluno, o diretor salientou que: *“A relação precisa ser a mais amiga possível, o professor necessita ganhar a confiança, pois assim a relação ficará mais consolidada.”*

No ponto de vista do diretor “W”: *“... a escola tem que criar condições para que o aluno sintam-se motivado a frequentar e participar efetivamente das aulas, estimulando-o e motivando por meio de projetos que desenvolvam o sócio-afetivo”*.

No que diz respeito a essa categoria a professora “Y” afirma que: *“Minha relação com os alunos em sala é muito boa e com certeza essa relação pode interferir na aprendizagem deles”*.

Na entrevista com a professora “Y” houve um comentário que chamou a atenção: *“cativando o aluno, ele se sente seguro e amparado para se esforçar a aprender cada vez mais”*.

Conversando informalmente com o aluno “X” sobre a professora o mesmo responde rapidamente” *Eu gosto dessa professora, ela é legal a outra era muito chata.*”

Categoria afetividade

Nesta categoria na análise documental evidenciou-se na Proposta Pedagógica, que o Projeto “Portal das Virtudes” valoriza as atitudes através do respeito, da honestidade, amizade, solidariedade, verdade, perdão, responsabilidade forma que demonstre afetividade. Uma falha desta proposta é que ela não descreve com clareza sobre a afetividade.

Analisando o diário da professora “Y” constatou-se algumas atividades relacionada com afetividade: Dinâmica do abraço, poesias de Cecília Meireles, atividades de desenho com o tema”Como Você me vê”...

No relatório individual do aluno, este apresentou ganhos no que diz respeito a afetividade, pois o mesmo não demonstrava afeto pelos seus colegas e professores no semestre anterior.

Verificou-se no caderno do aluno “X” que o mesmo é corrigido com reforço positivo. Com intuito de elevar a auto-estima do aluno.

“[...] a afetividade depende, para evoluir, de conquistas realizadas no plano da inteligência, e vice-versa (Dantas, 1992:90)”.

Observando o diretor notou-se que o mesmo apresenta uma certa imparcialidade com os alunos não demonstrando afeto, passando até despercebido.

Na observação verificou-se o respeito com que o aluno “X” recebe as trocas afetivas que a professora “Y”, demonstra, abraçando-a e usando palavras carinhosas: “*professora eu gosto de você [...]*”, mas que nem sempre atende aos seus pedidos, fingindo não escutar, mas apesar deste comportamento à mesma não se deixa abater sabendo relacionar-se com as necessidades,

Em sala observou-se que a professora trabalha as dificuldades com atendimento individual, levando o aluno para a sua mesa e explicando com mais detalhes a tarefa, deixando os outros fazendo outra atividade. Em relação aos erros tenta motivar o aluno a continuar e não desistir da atividade possibilitando-o a corrigir os seus erros.

Observou-se que seu critério de avaliação é forma contínua e processual.

Ao observar o aluno "X" em sala de aula notou-se que seu comportamento apresenta atitudes antagônicas em certos momentos é afetuoso ajudando os colegas em situações de dificuldades, em outros demonstra comportamentos indesejáveis, No intervalo gosta de brincadeiras de lutas, corrida e de jogar bola.

Após o intervalo a professora abraça o aluno "X" e o carrega para a sala, este comenta com o colega do seu lado *"[...] gosto quando a professora me dá um abraço, porque a outra nunca me abraçou [...]"*

Na entrevista com o diretor "W" o mesmo fez o seguinte comentário: *"o bom relacionamento e laços afetivos com certeza beneficiam o ensino e aprendizagem do aluno por ter exemplos na escola"*.

Nesta categoria o diretor afirma que *"Certamente; a afetividade interfere no processo de ensino e aprendizagem, porque o aluno precisa ter confiança no professor que irá preencher seu tempo enquanto estiver na escola, nesta interatividade o aluno poderá se soltar valorizando as sua potencialidades."*

Continuando a entrevista o diretor "W" diz que além da afetividade outros fatores também interferem no ensino e aprendizagem como: *"A família que é o fator preponderante na educação e o nível econômico."*

A entrevista com a professora "Y" revelou que sua concepção teórica é *"Admiro Paulo Freire, pois foi um grande exemplo em educação."*

Em relação à afetividade em sala de aula a mesma afirma que *"Criando vínculos com o aluno ele se sente estimulado e motivado a aprender."* Ela ressalta que: *"Não só a afetividade que interfere na aprendizagem dos alunos, mas, sua condições financeiras, sociais e as próprias relações interpessoais"*.

"Há uma gama de ações [...] voltadas especificamente para o aumento da auto-estima [...] visando ao seu crescimento pessoal [...] na formação e no fortalecimento da identidade social [...] (Moysés, 2001)".

"É nesta relação que se pretende trabalhar com os alunos para um crescimento sócio-afetivo e melhor aprendizado".

4.1 - Resultados

A presente pesquisa teve como objetivo investigar a interferência da afetividade no processo de ensino e aprendizagem e nas interações da relação professor/aluno do Ensino Fundamental.

As relações humanas, embora complexas, são peças fundamentais na realização comportamental e profissional de um indivíduo. Desta forma, a análise dos relacionamentos entre professor/aluno envolve interesses e intenções, sendo esta interação o expoente das conseqüências, pois a educação é uma das fontes mais importantes do desenvolvimento comportamental e agregação de valores nos membros da espécie humana.

Categoria: Ensino e Aprendizagem

Entende-se que a Aprendizagem é um processo dinâmico, que ocorre a partir de uma ação do sujeito sobre o objeto, porém sempre mediada por elementos culturais, no caso, escolares; ou seja, a mediação é condição fundamental para o processo de construção do conhecimento pelo aluno.

Após análise e discussão de dados, constatou-se que os pontos positivos sobressaem sobre os negativos. Nesta categoria verificou-se que a escola desenvolve projetos que enfoquem habilidades e competências dando ênfase a projetos que envolvam afetividade, auto-estima na relação professor/aluno, construção da criticidade. No diagnóstico da escola constatou-se a existência de alunos que apresentam comportamentos inadequados, baixo rendimento escolar e baixa auto-estima. Estas evidências serviram para que a escola estabelecesse os seguintes projetos: PROERD e Portal das Virtudes “.

Uma falha na proposta pedagógica é que o projeto não descreve com clareza e detalhes a metodologia utilizada deixando incertezas sobre o que está proposto.

A escola constitui-se num espaço essencialmente educativo, cuja função principal é a de mediar o conhecimento, possibilitar ao educando o acesso e a reconstrução do saber. Essa função está intrínseca às relações, pois a transmissão do conhecimento se dá na interação entre pessoas. Portanto, é essencial para que esta relação seja significativa e represente uma parceria no processo ensino e aprendizagem, é o diálogo.

Segundo Libâneo (1994): "O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve-se dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e as opiniões dos alunos mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem também para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades".

Categoria: Relação Professor/Aluno

O relacionamento do professor deve ser um momento essencial para o desenvolvimento do aluno, devendo-se retomar novas concepções de educar deixando de lado o ser detentor do poder ou depositário do saber convertendo-se em facilitador, orientador e coordenador.

Segundo Wallon, "o professor não pode esquecer sua função no grupo, como coordenador é aquele que observa os processos grupais e intervém apoiando e dando ao grupo condições de achar seu caminho (3ª ed. 2003.p.80)."

Mediante a análise e discussão de dados torna-se difícil afirmar que não haja conflitos interpessoais.

Em sala de aula, espaço social de convivência diária, foi possível perceber movimentos que caracterizam os conflitos eu-outro e que se constituem em oportunidades de questionamentos, reflexão e conscientização, e outros que apenas desgastam a relação professor/aluno/conhecimento.

Da parte da professora "Y" a preocupação em estar utilizando estratégias de ensino que possam minimizar os desvios comportamentais, que possam desfavorecer um ambiente educativo, constatou-se que é muito atenciosa carinhosa e que o aluno "X" coopera e ajuda quando é solicitado, se propondo sempre que necessário,

Percebe-se que acontece a mediação em sala, pois a professora "Y" cria situações de aprendizagem de forma dinâmica e de interação, com atividades lúdicas enriquecendo o aprendizado.

"(...) na perspectiva de Vygotsky, construir conhecimento implica numa ação partilhada, já que é através dos outros que as relações entre sujeito e objeto de conhecimento são estabelecidas". (Rego, 1994:110).

Levando em consideração que o cenário educativo é espaço de desejos, afetos e conflitos que constituem a vida inter e intrapessoal no contexto escolar devem estar na relação ensino e aprendizagem; é um espaço dialético, onde convivem autoritarismo, diálogo, oposição e interação, razão e emoção. Percebeu-se que em determinados momentos que os alunos, apresentavam atitudes antagônicas, pois ao mesmo tempo em que eram "indisciplinados" e "sem limites", momentos depois mostravam atitudes de carinho e companheirismo entre eles e a professora.

O diretor "W" demonstra uma certa indiferença no relacionamento com os alunos.

3ª Categoria: Afetividade

Em se tratando da afetividade no contexto escolar o afeto do professor, a sua sensibilidade e a maneira de se comunicar vão influenciar nos modos de agir dos alunos, a ligação afetiva faz diferença no trabalho docente.

De acordo com os dados analisados os entrevistados afirmam que a afetividade na relação professor /aluno influencia no ensino e aprendizagem por terem exemplos de casos já ocorridos na escola, e que o bom relacionamento com certeza beneficia o ensino e aprendizagem do aluno.

No que se refere a afetividade a professora "Y" afirma que em sala de aula após criar vínculos afetivos com aluno, ele se sente estimulado e motivado para aprender. Com base na discussão de dados constatou-se que além da afetividade existem outros fatores que interferem na aprendizagem dos alunos, como: as condições financeiras, sociais e as próprias relações interpessoais disponibilidade em aconselhar e conversar sobre temas que não sejam sobre o conteúdo programático, ouvir e encaminhar soluções de ordem pessoal, tratar bem o aluno e ter bom humor.

"A afetividade, nessa perspectiva, não é apenas uma das dimensões da pessoa: ela é também uma fase do desenvolvimento a mais arcaica. O ser humano logo que saiu da vida orgânica é um ser afetivo para depois lentamente, desenvolver a vida racional Wallon" (1992 p. 90).

Como ponto negativo notou-se que o diretor apresenta uma certa imparcialidade com os alunos não demonstrando afeto, passando até despercebido.

Falar de afetividade e aprendizagem é falar da essência da vida humana, que por sua natureza social, se constrói na relação do sujeito com os outros sujeitos, num contexto de inter-relações. Com a intenção de traçarmos caminhos que nos permitissem investigar afetividade e aprendizagem no contexto da sala de aula, a pesquisa foi realizada tendo como estes norteadores da relação entre o afetivo o cognitivo, e a relação do sujeito com outros sujeitos como um elemento instigante no processo ensinar/aprender aprender a ensinar.

Emoções estão presentes quando se busca conhecimento, quando se estabelecem relações com objetos físicos, concepções ou outros indivíduos. Afeto e

cognição constituem aspectos inseparáveis, presentes em quaisquer atividades, embora em proporções variáveis.

A afetividade e a inteligência se estruturam nas ações dos indivíduos. O afeto também implica em expressividade e comunicação, e é sobre esta ótica que se abordou a afetividade que envolve a interação professor aluno, influenciando decisivamente no processo de aprendizagem.

Dantas (1992) cita; "A dimensão afetiva é de fundamental importância para Wallon seja no ponto de vista da construção da pessoa como do ponto de vista do conhecimento, sendo, portanto, marcante para o desenvolvimento da espécie humana..."

A partir da concepção de afetividade, esboçou-se um perfil da professora "Y" e do seu desempenho em sala de aula que retrata o prazer, a opção de estar em sala de aula e no magistério, é exigente, mas é capaz de dialogar, ouvir e dividir as responsabilidades de impor regras e limites com os próprios alunos.

"Boa técnica de motivação é ter uma conversa em particular com o aluno. Em que se procura explorar o sentimentalismo e também, quando necessário, falar francamente com o aluno, chamando-o às suas responsabilidades. É imprescindível que ele sinta, apesar das verdades, se necessárias, que o professor é seu amigo e tudo está fazendo para ajudá-lo (NÉRICI, 1992, p.190) ".

Nesta pesquisa, procurou-se focar a emoção de maneira ampla, na vida do aluno em idade escolar, e a influência destas sobre a aprendizagem, pois, consideram-se uma das melhores oportunidades de atendimento ao aluno com problemas de aprendizagem, oriundos de situações emocionais. Outro ponto considerado relevante no estudo foi a auto-estima, um dos problemas que afeta emocionalmente grande parte do alunado, causando alterações no processo ensino e aprendizagem. Um caso de maior expressão dentro da sala de aula foi estudado, dando assim uma melhor demonstração das possibilidades de êxito no trabalho com a afetividade, sendo esta fundamental na relação professor/aluno, favorecendo para que ocorra o processo ensino e aprendizagem de forma significativa.

A pesquisa revelou que a Escola Classe "S" mesmo não tendo um Projeto Político Pedagógico, apresenta em sua Proposta Pedagógica projetos voltados que favoreçam o ensino e aprendizagem, a relação professor/aluno e o resgate da auto-estima por meio da afetividade.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ante os múltiplos desafios do futuro, a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais de paz, da liberdade e da justiça social (Delors, 2001, p. 11)”, pois, a evolução histórica da humanidade e seus processos educacionais acontecem diferentemente ao longo do tempo e em vários espaços.

“A atitude favorável para a aprendizagem significativa faz referência a uma intencionalidade do aluno para relacionar o novo material de aprendizagem com o que já conhece, com os conhecimentos adquiridos previamente, com os significados já construídos (Coll, 2002.p: 151)”.

Toda aprendizagem em qualquer atividade humana, em que possamos aprender algo, podendo ocorrer de forma casual quando acontece de forma espontânea ou organizada quando for aprender um conhecimento científico. Com isto, pode-se pensar que o conhecimento baseia-se em dados da realidade.

Como a afetividade interfere na relação professor/aluno e no processo ensino-aprendizagem dos alunos da 4.^a série do ensino fundamental?

Na categoria ensino e aprendizagem concluiu-se que a professora “Y” tem grande preocupação de estar utilizando estratégias de ensino diversificadas para minimizar os desvios comportamentais que podem interferir no processo de ensino aprendizagem. Todavia, faz-se compreender como o aluno constrói os seus conhecimentos, mas é de suma importância ter a consciência que o vínculo afetivo com o educando é um dos primeiros passos para esta longa caminhada.

São inúmeras as causas que levam ao baixo rendimento escolar, indisciplina como também a baixa auto-estima que podem estar ligados a fatores de ordens econômicas, sociais ou de âmbito escolar, por isso, descobrir de onde provêm esta causa, foi um desafio.

Zabala defende, (1998): “as aprendizagens dependem das características singulares de cada um dos aprendizes; às experiências que cada um viveu desde o nascimento; a forma como se aprende e os ritmos da aprendizagem variam segundo as capacidades, motivações e interesse de cada um...”.

Estabeleceram-se relações com os conhecimentos adquiridos e construídos anteriormente tendo como base o referencial teórico que deu sustentação, confiança e projetou ações e reflexões sobre a afetividade na relação professor e aluno e no processo ensino - aprendizagem.

De modo concreto, não se pode pensar que a construção do conhecimento é entendida como individual. O conhecimento é produto da atividade humana, marcado social e culturalmente. Concluiu-se que dentro da sala de aula o papel da professora Y” foi como intermediário entre os conteúdos da aprendizagem e a atividade construtiva para assimilação.

Na categoria relação professor/aluno concluiu-se que existe a mediação, mas que os conflitos interferem na relação aluno-aluno e que por sua vez na relação professor – aluno na construção do conhecimento e que foi de extrema importância o papel da professora em propiciar um ambiente que favoreça o resgate da auto-estima por meio da afetividade, melhorando o ensino e aprendizagem.

Notou-se que nas observações a aproximação entre professor e aluno contribui para um maior interesse pelas aulas, pois uma boa comunicação afetiva entre os sujeitos facilita o processo ensino aprendizagem, fazendo com que os alunos sintam-se à vontade na construção do seu conhecimento.

A professora não se preocupou somente com o conhecimento por meio da absorção de informações, mas também pelo processo de desenvolvimento afetivo do aluno favorecendo o processo ensino e aprendizagem. A professora ”y” compreende que seu papel é de facilitadora da aprendizagem, aberta às novas experiências, numa relação empática, isto é, também os sentimentos e os problemas de seus alunos e tentando levá-los à auto-realização.

”Para por em prática o diálogo, o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende ser detentor de todo o saber; deve antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe de tudo, reconhecendo que o analfabeto não é um homem 'perdido', fora da realidade, mas que tem toda a experiência de vida e por isso também é portador de um saber (Gadotti, 1999)”.

Sabe-se que, a relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles.

Dentro destas concepções mesmo que os alunos jamais conheçam ou valorizem o papel da professora, que é de grande significado na vida escolar dos educandos, pois ela não pode encarar os alunos como se fossem indivíduos sem

história ou sem conhecimento nenhum, pois cada um é uma pessoa em potencial, única e intransferível.

Na categoria afetividade concluiu-se que os vínculos criados com o aluno são fundamentais. Mas que nesta turma também tem outros fatores: as condições financeiras, sociais, relações interpessoais e familiares que interferem na construção do conhecimento do aluno. Concluiu-se também que as práticas pedagógicas utilizadas interferem no processo de aprendizagem do mesmo. Foram analisadas e registradas as formas de avaliação ocorridas na sala de aula.

A afetividade não é somente emoção, porque está, também ligada às questões fisiológicas e englobando a amplitude da emoção com as questões relacionais com a cognição e o meio social. Portanto, a idéia que as relações afetivas são relacionais com uma certa intenção de seres que interagem constantemente suas emoções e afetos.

“Conceitualmente a afetividade é um domínio funcional cujo desenvolvimento é dependente da ação de dois fatores: orgânico e o social [...] A afetividade é uma das dimensões mais antigas do desenvolvimento humano, pois o homem logo que deixou de ser orgânico passou a ser afetivo e lentamente passou para a vida racional. (Wallon, 1959.p: 267)”.

O trabalho da professora em sala de aula e seu relacionamento com os alunos é expresso pela relação que ela tem com a sociedade e com a cultura e o seu modo de agir, colaborando para uma adequada aprendizagem dos alunos. Acreditando nesta dimensão tão complexa entre afeto e aprendizagem é que se objetiva a discussão da natureza, sobre a capacidade do ser humano traçar seus caminhos. E em alguns casos recomeçar a caminhada de maneira diferente, estabelecendo um comportamento racional, inteligente e criativo para resolver problemas e superar dificuldades.

Entende-se que por intermédio das modificações comportamentais da área afetiva que a relação professor e aluno pode contribuir para a fixação dos valores e dos ideais que a justificam o ensino e a aprendizagem.

A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não é possível permitir que a afetividade interfira no cumprimento ético do dever de professor no

exercício de sua autoridade. Não é sensato condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele.

Wallon explica que: “uma criança normal, quando já está se relacionando afetivamente bem com o seu meio ambiente, em particular com sua mãe, sente necessidade de ser objeto de manifestações afetivas para que, assim, seu desenvolvimento biológico seja perfeitamente normal (Dantas, 1992:85)”.

A avaliação além de testar conhecimentos, proporciona um acompanhamento do crescimento do aluno, respeitando a sua individualidade, permitindo uma reflexão conjunta professor-aluno proporcionando e redefinindo o processo ensino-aprendizagem. Deve-se oportunizar uma auto-avaliação e uma avaliação participativa com os alunos, rompendo com a desmotivação. Favorecendo um bom rendimento e elevando a auto-estima. Neste contexto faz-se necessário professores responsáveis, comprometidos, democráticos, não permissivos e imparciais, entusiasmados com o que fazem, que saibam passar a auto-estima a seus alunos, bem relacionados, receptivos às sugestões, altruístas e idôneos.

Diante desse quadro, justifica-se a necessidade de uma maior reflexão em torno da prática educativa (Zabala, 1998), “que envolve a relação pedagógica entre o planejamento do trabalho docente, a sua efetivação através do ensino e da aprendizagem, o processo avaliativo e as condições estruturais de trabalho dos profissionais da educação”.

O mais importante de tudo foi a consciência e a reflexão de que a afetividade interfere no contexto escolar, entende-se que os alunos aprendem uns com os outros, perguntando sempre o por quê de cada atividade, enfim fazendo a diferença na vida dos alunos. Acreditando nesta postura procurou-se relacionar teoria e prática.

“Mas a prática não fala por si mesma. Exige uma relação teórica com ela. Nega-se, portanto, uma concepção empirista da prática. A prática não existe sem um mínimo de ingredientes teóricos (Garrido, 1998)”.

A conclusão desta pesquisa levou a compreender como o aluno para construir o seu conhecimento, afirma que o vínculo afetivo é necessário na relação dentro da sala de aula, favorecendo no processo ensino e aprendizagem, valorizando o papel do professor como agente de grande significado em suas vidas escolares.

Recomenda-se à escola pesquisada que seja incluída em sua proposta pedagógica mais projetos voltados para a indisciplina e o baixo rendimento escolar pois a mesma não apresenta projetos direcionados para esta problemática.

6. REFERÊNCIAL BIBLIOGRÁFICO

ARANHA, M.L.A. **História da Educação**. 2ª ed.rev.e atual. São Paulo: Moderna, 1986.

BOGDAN,BIKLENS, **Investigação qualitativa em educação**. Porto Alegre,1994.

BRASIL. Lei nº.9.394, de 20.12.1996.**Estabeleca as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União. Brasília: AnoCXXXIV, nº.248, 23 dez. 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/secretaria de educação fundamental - Brasília: MEC/SEF,1997.

CANDAU, Vera Maria, **Reinventar a escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

COOL, César. **Psicologia e currículo**. 2ª ed. São Paulo, Ática, 1987.

COTRIM, GILBERTO. **Educação para uma escola democrática**.5ª ed.1993.

DANTAS, Heloysa. **A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. In: DE LA TAILLE, *Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

DELORS, J. (org.) **Educação, um tesouro a descobrir: relatório para UNESCO da Comissão Internacional, sobre Educação para o Século XXI**. 6ªed. São Paulo: Cortez, 2001.

DEMO. Pedro, **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

GADOTTI, M. **Convite á leitura de Paulo Freire**.São Paulo: Scipione,1999

GAGNÉ, Roberto M. **Princípios essenciais da aprendizagem para o ensino.** Trad. Rute Vivian Ângelo. Porto Alegre: Globo, 1980.

HOLLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil.** 23ªed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1991.

LA TAILLE, Yves de. – **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão** Yves de La Taille, Martha Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. – São Paulo: Summos, 1992.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública. A pedagogia crítica e social dos conteúdos.** 18ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.

LUDKE, Menga, **Pesquisa em educação ; Abordagens qualitativas/** Menga Ludke, Marli E. DA André. São Paulo; EPU, 1986.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da Educação e da pedagogia.** Introdução e Notas de Luiz Damasceno Pena e J.B. Damasco Pena 16ª ed. São Paulo: Nacional, 1985 (Atualidades pedagógicas; vol. 59).

MANACORDA, Mário Alighiero. **História da Educação: da antiguidade aos nossos dias.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

MOYSÉS, Lúcia. **A auto-estima se constrói passo a passo.** Campinas/ São Paulo: Papyrus, 2001.

OLIVEIRA, Marta K. **Aprendizado e desenvolvimento : um processo sócio – histórico .** São Paulo : Scipione, 1998.

REGO, T. C. Vygostky - **uma perspectiva sócio-cultural da educação.** São Paulo: Vozes, 1995.

SACRISTAN, J, Gimeno, **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3ªed. Porto Alegre, 2001.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. Trad. Shilling, Cláudia. **Globalização e interdisciplinaridade. O currículo integrado**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda, 1997.

SNYDERS, Georges. **A alegria na escola**. São Paulo, Ed. Manole, 1988.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. **Aprendizado e aprendizagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____, **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WALLON, Henri. **A atividade própria plástica**. In: NADEL-BRULFERT J. & WEREBE, M.J.G. Henri Wallon (antologia). São Paulo: Ática, 1986.

ZABALA, Antoni. **Prática educativa; a arte de ensinar**. Trad. Ernani F. da F. Rosa - Porto Alegre: ArtMed, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE “A” ROTEIRO DE ANÁLISE DOCUMENTAL

ESCOLA-----

DATA----/----/-----

- A escola tem um projeto político pedagógico.
- Os professores tiveram participação na construção desse projeto.
- De que forma.
- No projeto político pedagógico existe uma ação conjunta do corpo discente e docente da escola na relação professor/aluno.
- Como o projeto político pedagógico interfere no processo ensino e aprendizagem. Como.
- Existe algum projeto na escola sendo desenvolvido sobre afetividade na relação professor/aluno.

APÊNDICE “B” ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Escola-----

Professora regente-----

Formação acadêmica-----

Série----- nº de alunos-----

Observador-----

Data----/--/-----

- Verificar se existe uma relação afetiva do professor com o aluno em sala de aula.
- Analisar de que forma acontece.
- Verificar se o aluno reage quando chamada atenção.
- Observar como o aluno se relaciona com o professor e os colegas em sala de aula.
- Observar o ambiente em sala de aula.
- Verificar se as práticas pedagógicas utilizadas interferem no ensino e aprendizagem dos alunos.
- Verificar como acontece o processo de avaliação na sala de aula.
- De que forma.

APÊNDICE “C” E “D” ENTREVISTA SOBRE "A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO"

Nome do (a) entrevistado (a): _____

Data:- ----/-----/-----

Tempo de magistério: _____

Formação profissional: _____

1. Qual é sua concepção teórica.
2. A sua escola tem o projeto político pedagógico.
 - Como ele é construído.
 - Quais os membros que participam dessa construção.
3. Quais são os outros projetos que a escola possui.
4. A escola tem algum projeto ou trabalho sobre a relação professor/aluno.
5. como seus alunos constroem os conhecimentos em sala de aula.
6. O que você entende por afetividade.
7. O que você acha que a afetividade no processo de ensino e aprendizagem. Como. Por que.
8. Como é sua relação com os alunos em sala de aula.
 - Esta relação pode interferir na aprendizagem do aluno. Como. Porque.
9. Como é a relação entre os alunos na sala de aula.
10. Além da afetividade quais os outros fatores que podem interferir na aprendizagem dos alunos. Destaque-os e explique-os.
 - Como é a convivência da escola com as famílias dos alunos.

ANEXOS

ANEXO A

DEFINIÇÃO DAS CATEGORIAS

I. PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM

De acordo com Oliveira (1992) “a aprendizagem é o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores a partir do seu contato com a realidade, o meio ambiente, as outras pessoas”. Em Vigotsky, justamente por sua ênfase nos processos sócio-histórico a idéia de aprendizado exclui a interdependência dos indivíduos no processo. O termo que ele utiliza em russo (obuchenie) significa algo como “*processo de ensino e aprendizagem*” incluindo sempre aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre essa pessoa.

II. RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO

Vygotsky (1993, 1994) em sua teoria, propõe uma visão de homem como sujeito social e interativo, diferentemente de concepções tradicionais centradas no indivíduo e no seu potencial para desenvolver habilidades e técnicas específicas para cada área do conhecimento. Com os estudos de Vygotsky, o foco passa a centrar-se nas interações sociais: a criança, inserida em grupo, constitui seu conhecimento com ajuda do adulto e seus pais.

III. AFETIVIDADE

“Conceitualmente a afetividade é um domínio funcional cujo desenvolvimento é dependente da ação de dois fatores: orgânico e o social Wallon (1959)”.

ANEXO B

1. PALAVRAS OU EXPRESSÕES LATINAS UTILIZADAS EM PESQUISA

Ibid ou ibidem: Significa “na mesma obra”.

Idem: Significa “igual a anterior”.

LDB: Significa “Leis de Diretrizes e Bases”.

MEC: Significa “Ministério da Educação e Cultura”.

Pater familiae: Significa “pai é dono e artífice de seus filhos”.

PCNs: Significa “Parâmetros Curriculares Nacionais”.

PROERD: Significa “Programa de Erradicação das Drogas”.

TCC: Significa “Trabalho de conclusão do curso”.

ZDP: Significa “Zona de Desenvolvimento Proximal”.